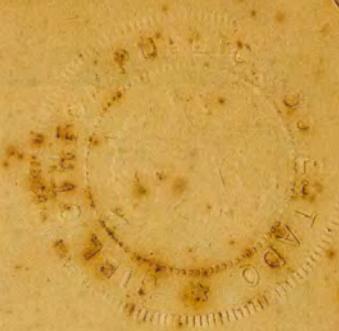


RENOVAÇÃO



Ano I

Florianopolis — Novembro — 1931

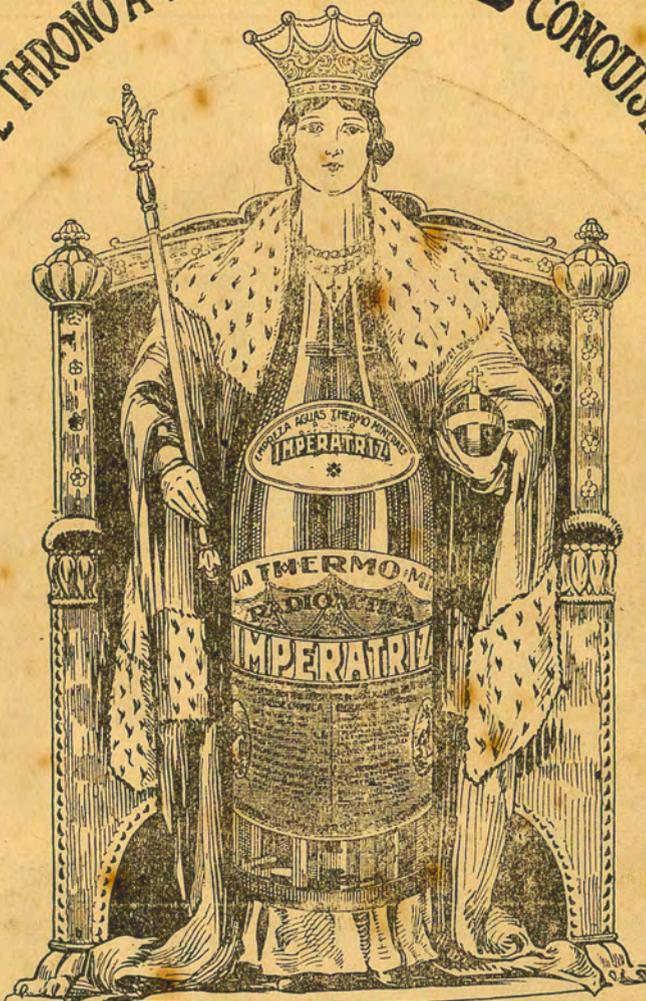
Num. 3



Homenagem á formosa senhorinha ISABEL LEAL

➤ **Rainha dos Estudantes** ➤

DO ALTO DESTE THRONO A IMPERATRIZ CONQUISTA A PREFERENCIA



AGUA LIMPIDA, DE SABOR LEVE,
FRESCO, AGRADAVEL E EMPUTRECIVEL

O SEU PODER RADIOACTIVO RECOMMENDA-A
COMO DAS MELHORES DO BRASIL

A ANALYSE CHIMICA CONSTATA A PRESENÇA DE
COMPOSTOS QUE LHE DÃO VALOR INCONTESAVEL

PELA SUA ABSOLUTA PUREZA RECOMMENDA-SE
COMO EXCELLENTE AGUA DE MESA

AGUA MINERAL MEDICINAL - ALCALINA
GAZOSA - FORTEMENTE RADIOACTIVA

Banco de Credito Popular e Agricola de Santa Catarina

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada -- Sistema «LUZZATTI»

ENDEREÇO TELEGRAFICO: «**BANCREPOLA**»

RUA TRAJANO N. 16 --- Edificio proprio --- Florianopolis

Emprestimos — Cobranças — Descontos

Faz toda e qualquer operação bancaria e empresta especialmente aos agricultores

Correspondentes em todos os Municipios do Estado

ACEITA SAQUES PARA QUALQUER PARTE DO BRASIL

Recebe dinheiro em deposito pagando as seguintes taxas :

Conta corrente LIMITADA	6 %
Conta Corrente AVISO PREVIO	8 %
PRAZO FIXO por 1 ano	10 %
PRAZO FIXO COM RENDA MENSAL	} por 1 ano 8 % por 2 anos 9 %

Grande Baratilho

A conhecida casa

«O PARAISO»

sita á rua Conselheiro Mafra, 2 - A, por motivo de **BALANÇO** avisa ao distinto publico desta Capital e interior, que durante o mês de Dezembro fará uma grande liquidação de seus artigos a preços nunca vistos, como sejam: — Sedas legerie, toile de soi, crepe; setim, georgete e muitas outras sedas, lisas, listadas e estampadas.

Voiles nacionais e estrangeiras, as ultimas novidades.

TRICOLINES EM DIVERSOS PADRÕES

Opalas, zefires, cambraias e linho em todas as côres

Novidades em sombrinhas

Artigos para homens; chapéus, gravatas, meias etc.

Brins de linho e algodão para ternos

VISITEM

« O PARAISO »

Rua Conselheiro Mafra, 2-A

Florianopolis



— CASA CHIFF —

CHAPELARIA

— DE —

Domingas R. Brüggemann

Chapés para senhoras e crianças, em seda, feltro e palha, ao rigor da moda.
 TEM SEMPRE OS MAIS LINDOS MODELOS VINDOS DO RIO E SÃO PAULO
REFORMA-SE E TINGE-SE  **PREÇOS MODICOS**
 Mantém variado sortimento em flores, fitas e quaisquer enfeites e artigos para chapés
 Florianópolis — PRAÇA 15 DE NOVEMBRO N.º 11 — Santa Catarina

PENSE BEM:

Ha individuos que contam tirar a sorte grande, sem comprar bilhetes!...
 São os fatalistas.

«Se eu tiver que tirar a sorte grande, o bilhete premiado virá ás minbas mãos fatalmente. O destino é cego!...» Mas até os proprios cegos vendem bilhetes, não os dão. Se os nossos leitores raciocinam como os fatalistas, resolvam mudar de idéas em TRES TEMPOS:

UM — Ponham a mão na consciencia, — DOIS — Metam-na depois no bolso —
 TRES — E tirem Rs. 15\$000 para adquirir um bilhete da

LOTERIA DE SANTA CATARINA

A VERDADEIRA QUE CORRE ÀS QUARTAS-FEIRAS COM O PREMIO DE
100:000\$000



José F. Glavam

— REPRESENTANTE DEPOSITARIO —

END. TELEC. GLAVAM «(:)» CAIXA POSTAL, 42

RUA JOÃO PINTO, 6

— FLORIANOPOLIS —

Café Rio Branco

«Mooka» saboroso

Bebidas finas

O café frequentado pela elite
 florianopolitana

RUA FELIPE SCHMIDT,
 esquina da rua Trajano.

FLORIANOPOLIS
SANTA CATARINA
BRASIL

RENOVAÇÃO

Assinaturas

Ano — 10\$000

Semestre — 6\$000

Avulso — 1\$000

Redação :

Rua Trajano N.º 2

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DIRETOR LITERARIO — JOSÉ DE DINIZ

DIRETOR RESPONSÁVEL — NEY LUZ

— REDATORES DIVERSOS —

ANO I

NOVEMBRO, 1931

N.º 3

DUAS PALAVRAS

RENOVAÇÃO surge hoje com novos diretores.

Contando com o indispensavel concurso dos nomes mais destacados da nossa intelétualidade e a colaboração dos novos, não desanimaremos ante os obstaculos que se antepoñhan á marcha encetada.

Consequiremos vencer? Não importa.

«Nem o heroismo, nem o proprio dever,» — disse o gigante da vernaculidade— «seriam possíveis, se, antes de os afrontar, necessitassemos de

medir a extensão da nossa coragem, da nossa abnegação, ou das nossas forças.»

A nós não nos movem os louros da vitoria.

O triunfo, nas emprezas arduas e temerarias, não é sómente dos que as realisam, senão dos que se aventuram a elas.

Fraquearemos algumas vezes, seremos vencidos outras, mas, «para quem sabe tirar proveito da vida» — diz C. Wagner — «ser vencido alguma vez tambem se transforma numa força».

A' luta, avante!

Ouvindo a senhorinha Isabel Leal, magestade soberana dos estudantes catarinenses.

«Renovação» ouviu a senhorinha Isabel Leal, encantadora rainha dos estudantes, que, com espirito e naturalidade, respondeu ás questões por nós formuladas.

— Como recebeu a noticia de sua vitória?

— Com grande supresa e imensa satisfação.

— Até quando durará o seu reinado?

— Ignóro. Dizem que são dois anos.

— Já foi marcado o dia da coroação?

— Ainda não. Creio que será a 20 de Dezembro.

— Quais são os planos do seu reinado?

— Ainda não estão definitivamente formulados, mas, visarão o ascender crescente do cultivo intéltual e o aperfeiçoamento moral dos estudantes da minha terra, não abstraindo de horas de alegre distração.

— Cojita em beneficiar os estudantes pobres?

— Sim; si me fôr possível realizar todos os meus planos.

— Já escolheu os seus ministros?

— É um dos problemas mais dificeis. São tantos os estudantes que se distinguem...

— Por quê não lança a idéa de uma caixa de beneficencia que venha favorecer os estudantes pobres?

— É magnifica a idéa. Refletirei sobre ela.

— Ama o estudo?

— Imensamente.

— Gosta de literatura?

— Muito.

— Quais os prosadores e poetas de sua predileção?

— Manuel Bernardes e Casimiro de Abreu.

— Por quê?

— Casimiro pela suavidade de sua poesia; Bernardes pela moralidade de seus pensamentos.

— Quais a flôr e a côr de sua predileção?

— O cravo e o azul.

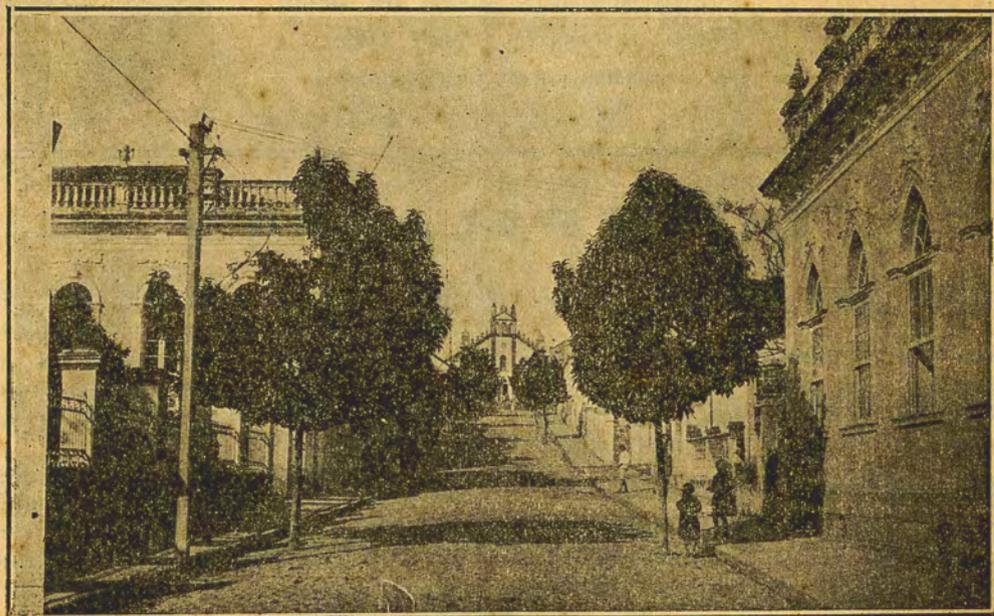
— Gosta de musica?

— Muitissimo. Tenho verdadeira veneração.

(Continúa adeante)

Tubarão

(Notas históricas)



Grã faixa de terra, que abrangia os municípios de Tubarão, Orleans, Cresciúma e Urussanga, a antiga freguezia de Nossa Senhora da Piedade, situada á margem direita do rio Tubarão, era parte componente do município de Laguna.

Desde 1836, administrando a antiga provincia o vice-presidente comendador Francisco Luiz do Livramento, foi esse territorio desmembrado da referida comarca, para ser elevado a município, tomando os fóros de vila a povoação da Piedade.

Tem a data de 7 de maio o áto legislativo que desincorporou da Laguna o territorio tubaronense.

Os seus primitivos limites foram: ao norte, o rio Capivarí; ao sul, os da freguezia de N. S. Mã dos Homens do Araranguá; a éste, os da de S. Antonio dos Anjos; e a oeste, a Serra Geral.

A primitiva paroquia, que foi administrada, em seu inicio, pelo rev. padre João Jacinto de S. Joaquim, estendia-se desde o rio da Madre até o lageado do Serro e do rio Capivarí até a Estiva dos Pregos.

Pela lei n. 635, de 21 de maio de 1870, as freguezias de N. S. da Piedade do Tubarão e de N. S. Mã dos Homens do Araranguá ficaram desmembradas do termo da Laguna, para formarem um município, com a denominação de Tubarão, fazendo parte da comarca de Santo Antonio dos Anjos.

Pela lei n. 845, de 19 de Abril de 1875, foi este município elevado a comarca, que foi inaugurada em 1876 pelo seu primeiro juiz de direito, o distinto conterraneo dr. José Ferreira de Melo, magistrado dos mais dignos.

Por decreto n. 33, de 7 de novembro de 1890, foi a vila do Tubarão elevada á categoria de cidade.

Em Morrinhos, aprazível arrabalde da cidade de Tubarão, a ela ligado por estrada de rodagem, nasceu Ana de Jesus Ribeiro, que, pelos seus feitos heroicos, na revolução de 1835 a 45, tão saliente lugar conquistou, batendo-se bravamente ao lado de José Garibaldi, que veiu a esposa-la, em Montevidéu, em 1842.

Heroína dos Dois Mundos foi o justo titulo que adquiriu, entre os fulgores da gloria, a imortal catarinense, legionaria da liberdade nos plainos sulinos do Brasil e nas alterosas montanhas da Italia, patria do celebre «condotiere».

Sonetos de Mâncio da Costa

Oferenda

Deixa ver outra vez sôbre o veludo
desta almofada a tua linda mão,
onde um raro escultor, perfeito em tudo,
os cânones vasou da perfeição.

É um capricho menos que um estudo,
revê-la assim na mesma posição,
semelhando estranho astro ponteagudo
de alabastrina e rósea carnação.

Sim, agora a outra mão junta á primeira
e ambas, em concha ou flôr, abre, esperando
a minha oblata humilde e derradeira:

Pétalos de magnólia, singeleza
de uma taça de carne transbordando
meu grande sonho de arte e de beleza!

Sic itur ad astra

Sobes, ascendes e no espaço brilhas,
cercada das irmãs que mais cativas!
E quando desces, trazes maravilhas
de harmonia e de luz das outras divas!

Foste e vieste do céu. Todas as trilhas
azul-cerúleas de pegadas crivas,
mas no teu rastro luminoso, filhas
do teu sorriso bom, nascem mais vivas!

Há no céu alegria desmedida!
Festa de sóes, solaus, natais de luas
enchem de sons e luz tua partida!

Ficas surpresa de ti mesma e quando
no alto olhas as glórias que são tuas,
tens junto a ti o meu amor brilhando!



À Porta

Quando o teu vulto amado me aparece
de pé, á porta, a me esperar, sorrindo,
eu penso que do céu Canôpo desce
pâra banhar de luz teu rosto lindo!

Radia tanta luz e é tanta a mêsse
de alegria a cantar, que eu vou seguindo
ao teu encontro como se tivesse
a sonhar que no céu estás fulgindo!

Tua voz e teu gesto e teu carinho
lembram-me então o vago do destino,
que te quis assim, só, no meu caminho!

E não vês e não sentes que o desejo
dêste teu corpo em que eu me desatino,
chora e soluça dentro do meu beijo!

Menina e moça

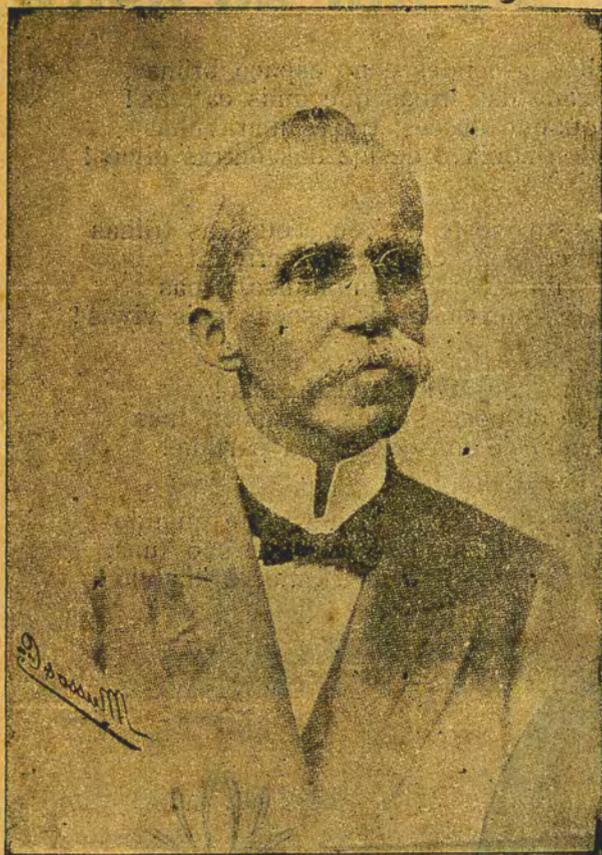
Esta menina e moça que de leve,
muito de leve por meu lado passa,
pisa como se fôsse pela neve
os pés movendo com infinda graça.

Vendo-a seguir assim, penso que deve
ir de linda ilusão urdindo a traça,
onde um lendário príncipe se enleve
nos seus encantos que o donaire enlaça.

Não anda de outro modo, outra maneira
de pisar não ensaia esta menina
e moça leve, airosa e feiticeira.

E assim se vai a graça pequenina
em demanda da rútila fronteira
em que o encantado príncipe domina!

CARLYLE



Um dos grandes ingleses, cujos escritos eu menos manuscára, éra Tomaz Carlyle. Os tristes lazeres do desterro familiarizaram-me com êles. Tinha-me acontecido a miude estender a vista curiosamente por esse vasto e acidentado pedaço de terra virgem, onde os tropicos luxuriantes alternam com o norte agreste. Mas o acêssio me parecia aspero e temeroso. As veigas sorriam-me alí detrás de rochedos abruptos, como belas de difficil conquista. E a curiosidade, afagada por outras brisas, levava-me a plagas mais faceis.

Desta vez, como passageiro lançado á costa pelo naufragio, depois de ouvir gemer o mar tempestuoso, já não me assustaram recifes. Estas margens escarpadas são como que as defesas de um mundo zeloso dos seus tesoiros. Se vos aproximardes, vereis como a poesia emana destas rochas. Não é a poesia dos favos do Himeto. Sente-se mais nela o acre das vi-rações saturadas do oceano. Não é uma poesia, que fale aos sentidos inferiores, como a doçura do mêl. É antes a da abobada estrelada, com os seus espaços som-

brios, onde o azul se esbate nas trevas, e as suas vagas nebulosas as suas longas vias láteas, caminho indeciso do ideal.

Não quér isto dizer que a indole da obra de Carlyle seja contempladora e cismativa. A sua inflexivel sinceridade, o ingreme dos seus contrastes, o brayio das imagens que lhe povoam o estílo, a luta contínua na sua originalidade com os preconceitos e as convenções sociais, o seu entusiasmo pelas expressões heroicas da individualidade humana, o fragor das suas apostrofes, as mutações indefineis do seu humorismo, melancolico e ridente, austero e escarninho, eloquente e brutal, a propria monotonia de certas correntes do seu pensamento, iterativas e periodicas como certos ventos em certos quadrantes do céu, dão a lembrar um panorama de penhascos escalvados á borda das aguas azues, com o cristal das ondas, franjando-se em espuma branca, a marulhada rebramindo contra os promontorios silenciosos, o vôo solitario das aves marinhas, e por cima, nas treguas da procela, quando as faiscas não esfuziam pelas arestas atrevidas, a eterna calma do firmamento: a força, o conflito, a pureza, a eloquencia, a immortalidade.

Rui Barbosa

Vitor Hugo arcebispo

A proposito de Vitor Hugo e da celebração do romantismo os jornais parisienses estão exhumando toda especie de anedotas; entre elas, eis aqui uma devéras interessante:

«Ha muitos anos, um jornal publicou a seguinte informação referente a uma eleição academica — «Parece quasi certo que será o sr. Vitor Hugo o sucessor do sr. arcebispo de Paris.»

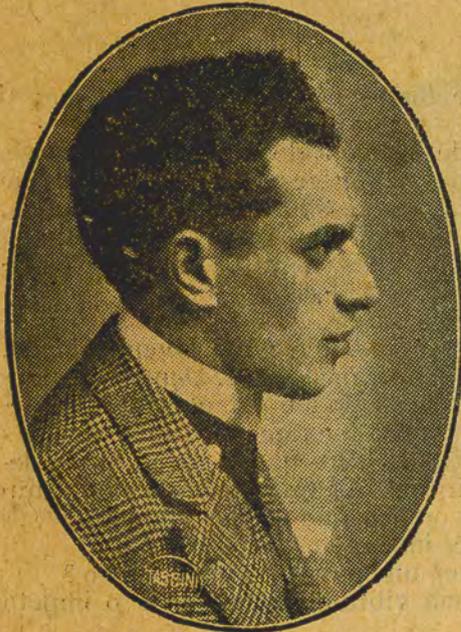
Uma atriz, mlle. Dupont, do Teatro Francês, chegou nesse dia ao «foyer» muitissimo emocionada, tendo ainda na mão a referida folha, e exclamou:

— «E esta, agora! Vou anunciar-lhes uma noticia de arromba! E' certo que Vitor Hugo possui enorme talento, não digo o contrario, mas nunca poderia acreditar em tal.

Depois disto, nada mais nos deve causar espanto: pois não não é que Vitor Hugo vai ser nomeado arcebispo de Paris!»

O perfil de Judith - Maria

O maior amor de Luiz - Henrique



Passa, e chega-me ao espirito a visão, opiada, ressurgente, d'Alhambra maravilhosa, da princesa Irene, dos estôfos laminados que a geração de Mahomet, segundo, vestiu, pomposamente a peso d'ouro. Releio, mentalmente, paginas, clamorosas e enternecidas, do romance místico-guerreiro dos muçalomanos medievais. E ela possui um olhar cristão, tranquilo, quasi amortecido; dentro dele, entretanto, reguçam-se desejos evocativos, neblinados de nostalgia: é a revelação translucida da alma refeita: o «Koran» dôce e tenue das baladas e dos proverbios de amor derrama-se-lhe pela sensibilidade desacordada...

Tem magias de uma beleza quasi infantil, em que os anseios e os encantos se retocam, repousados de uma transfiguração melancolia, lembrando «ces lieus sacré pour le repos et le silence», essa imperecível e fascinante «visage voilé» que encheu de sonho tépido a alma de Loti e o estilo bisantino de Paul-Louis.

Abro «Ben-Hur»: lá está ela, ainda mais contrita do que a vejo nas missas da Cathedral, cuvindo as ultimas préces do Patriarca dos Paleologos. Mas, já um trireme deixa a Galata e vai a leva-la para Scutari, rumo de Brussa, anciosa d'ouvir beduinos d'albornó alvissimo contarem as legendas d'amor, ritmos torporizantes, com que a terra arabica, rosea e reverberante, encheu as movimentações sonóras da salmodia do Ramadan.

Gloria de Stambul, em relicario romano!...

... Noivou ... É o sonho de uma grande alma, que se vestiu do forte animo de uma raça formosa e boa. Amam-se muito. Compreendem-se muito. Escreveram-se (perdõem...) algum dia? Quem o sabe? Mas, se ela o fez, não foi, por certo, no claro português com que ele o teria feito: Judith-Maria devia ter escrito numa fórmula bizarra que fôsse, a um tempo, espanhol e arabe — irresistível algemia...

Encontrei-os, juntos, muito felizes, no lindo fim de tarde que ontem fez. E, não sei por que, na palidez de um e no pórtico nostálgico de outro, senti o encontro enternecido da mesma saudade transcendente, que os aproximou, que os fez fitarem-se, compreenderem-se... amarem-se, para esse enlanguescimento indefinível, que sonha co'as campinas louras e roseas, rutilantes caminhadas pelo ideal...

José de Diniz

HOMENAGENS A DICKENS

Se se perguntar a algum apaixonado do celebre romancista e humorista Dickens, sou a algum versado em cousas que se prendem á literatura ingleza onde se manifesta publicamente as mais frequentes homenagens ao autor das aventuras de «Pick-Wick», o interrogado irá, certamente, procurar um logar na Grã-Bretanha...

Depois, passará a qualquer outro ponto do globo na parte norte do continente americano.

Nestas buscas errará, porquanto o ponto em que mais se nota as homenagens publicas a Dickens está na propria America do Sul, no territorio da Guiana Inglesa.

Ha ali, efetivamente, uma série de nomes de localidades e povoações com batis-mos tomados a um dos mais celebres trabalhos do escritor, o popular «bombey e filho».

Foram aproveitadas assim as denominações de «Gay passage», «Clara Islet». Ha as ilhas «Bunsby», «Cautious Point» e «Cuttle Group» e uma das pontas foi dotada com o nome de Dickens.

São, como estamos vendo, homenagens populares das municipalidades, representando bem a admiração pelo divertido escritor.

Oração de Diniz Junior revivendo a campanha nacionalista de Bilac



Dr. Diniz Junior

Honramos as paginas de RENOVAÇÃO trasladando a oração de fé patriótica que, ha dois anos, Diniz Junior, o consagrado escritor, jornalista e orador conterraneo, pronunciou, a convite da Associação Brasileira de Escoteiros, na Liga de Defesa Nacional, no dia que se comemorava a morte de Olavo Bilac, o príncipe dos poetas brasileiros e apostolo do Brasil Novo.

Essa maravilhosa Oração foi irradiada por todo o Brasil.

Já se foram treze anos. Fixo a circunstancia do tempo, relembro a data longinqua, para um exame de consciencia.

Que é feito da obra do poeta?

Estávamos em 1915. Frementes os corações, a guerra mal debuxando o enigma que ainda não decifrámos, pequeno grupo de intellectuais, na Sociedade de Homens de Letras, concitava Bilac á jornada de civismo.

Recebiamos a visita de um official illustre: o comandante Genserico de Vasconcelos, a quem se pôde chamar de apostolo do Exercito Novo. Em sua companhia, outro militar distinto — o tenente Mena Barreto da Fontoura.

Cito nomes. A historia está-se fazendo.

Eramos sete: Bilac, Alcides Maia, Leal de Souza, Marcolino Fagundes, Gregorio da Fonseca, Oscar Lopes, eu.

O momento nacional sintetizava-se numa frase: crise de carater. Naquela tarde, a palestra foi a analyse cruel dos instantes que o país sofria.

E uma interrogação algida nos cortava a alma:

-- Com que forças morais encarar o que aí vem?

Genserico de Vasconcelos interpoz uma tése, chocante e luminosa, que resumo em poucas palavras: a caserna, expressão de rigida disciplina, pôde enquadrar o Brasil na mais ampla formula de entusiasmo e na mais estrita noção de solidariedade.

O quartél — a salvação.

Nem todos compreendemos. O jovem soldado, já o disse, tinha dons apostolares. Dentro de pouco — ouvindo-o, pesando-lhe os conceitos, integrando-nos, apaixonadamente, no ritmo de suas esperanças — eramos, sem que o sonháramos, devotos, fonte espiritual, energia multiplicadora, nucleo primeiro da crença que se lhe infundira.

Bilac, de pé, indagava?

— Convencer um povo! Como? Como?

A impaciencia vibratil denunciava o impeto de fazer.

— Rir-se-ão de nós! Atirar-nos-iam pedras!

Genserico mostrou-se genial. Fitou o poeta. E, num desafio, que traduzia todo o fervor pelo nome excélso, perguntou, de frente:

— Para que temos, então, Olavos Bilac?

O golpe sugére a imagem da transfiguração na estrada de Damasco. O cantor ensombra o olhar, que lôgo fulgura. Medita um segundo, decide num segundo.

— Pois bem: irei a S. Paulo. Os meninos da Academia costumam procurar-me no hotel, para que lhes faça discursos. Desta vez, córto-lhes as vâzas. Acedo, mas para dizer lhes: basta de palavras: o Brasil quer homens, dignos, fôrtes, disciplinados, que o defendam dos males que o invadiram, dos males que o ameaçam — para o quartél.

A velha casa de ensino aparece, em todas as fases da nacionalidade, viveiro generoso de vocações. A tribuna que ali se arme é pulpito a dominar ainda os mais longinquos recantos.

Não careço rememorar o exito de Bilac.

Um pouco antes, a voz de Paulo Barreto, que culminaria, depois, na conferencia de Recife, animára aquele ambiente. A «Oração á mocidade», do autor do «Sésamo», vale pelo radioso prologo de uma cruzada. O verbo de Bilac encontrára a juventude em extase. Despertou-a. Sacudiu-a. Revelou, de improviso, todo um mundo de forças assimiladoras e vivazes. Solevou, imponente, ancha, empolgante, a primeira onda de vibrações, a primeira vaga de entusiasmos.

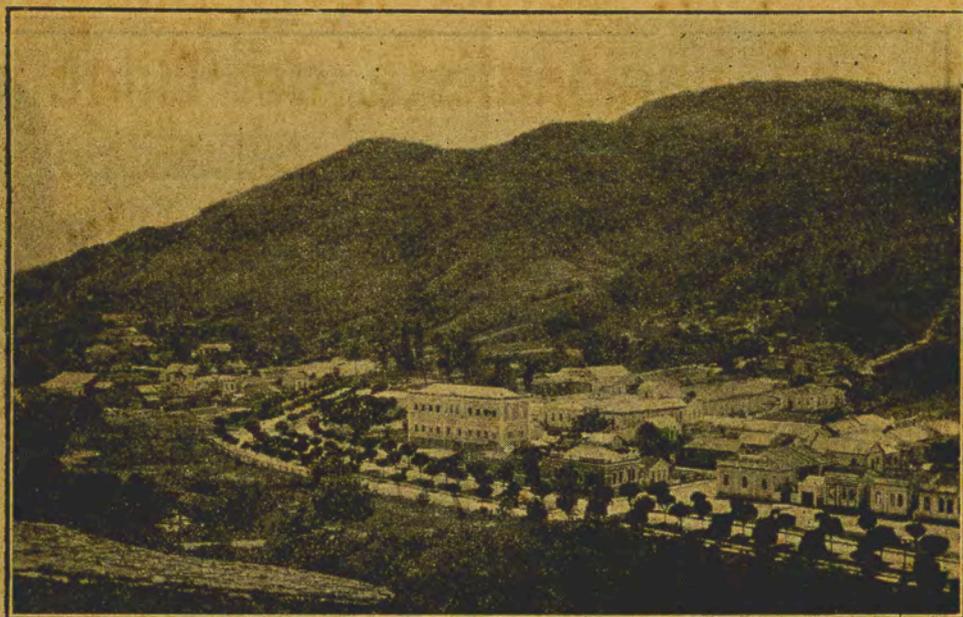
A faina, complexa, desesperada, iniciára-se.

O resto — a fundação da Liga de Defesa Nacional, com um Pedro Lessa transmutado em atleta da regeneração alborescente, as viagens produzindo o milagre das incorporações em massa, o restabelecimento das linhas de tiro, a gloria de haver dado alma nova a um povo — quem teria esquecido?

Solucionára-se o probléma dos jovens.

De regresso dos pampas, numa clara manhã, o cáis Pharoux rumorejando de aplausos, Bilac,

ILHA VERDE



Vista parcial da formosa avenida Hercílio Luz, que lembra o nome do saudoso e grande realizador. —

inda palpitante das emoções que a raça das fronteiras deflagra, diz outro capítulo da sua evangelização.

— Agora, a criança!

Aurorava o sonho do escotismo.

E, já ao dia seguinte, na Sociedade de Homens de Letras, é a suplica, a exortação, a teimosia.

— Trabalhem, esforcemo-nos: cem mil «boys-scouts», nas festas do centenário, que linda comemoração, que alvorada!

Ah, se os estadistas entendessem os poetas!

Não assistimos á parada infantil em que ele extremára seus zelos. Dois anos antes daquela data, Bilac tombava. A campanha exibia os primeiros frutos.

Nesta mesma casa — reergamos o pano — velámos-lhe o corpo.

Dia sombrio. Desde a vespera, o tempo se nublára — e a chuva, tão triste e tão constante, caía farta.

«Nunca morrer num dia assim, de um sol assim!»

Cumprira-se-lhe o desejo.

A romaria não cessava nunca. E vinham todos: os altos dignatários da política, das letras e do saber, os militares, os estudantes, e as mulheres, e a gente do povo.

A camara ardente dir-se-ia um templo: o altar é um tufo opulento de hortências, rosas e orquídeas.

Em torno, murmúrio de préces.

Quebrantava-nos uma dor enorme. Que seria da obra que ele preconizára? Que sorte aguardaria a flamula que nos tremia nas mãos ansiosas?

Revejo.

A aspiração insatisfeita — evocando o drama da patria — é a vida transvisual em que a saudade recompõe paisagens, tipos, sentimentos.

A alma humana não recolhe, como os buzios, sem as sentir, as harmonias do seu «habitat». Vive porque sente. Tudo quanto encerrou no seu

cofre de emoções resuscita a cada instante — que nem é outra coisa viver, existir.

Lágrimas nos inundavam o rosto.

Gritos se nos afogavam na górgia.

De subito, lá fóra, crescendo a pouco e pouco, o som de um tambor surdo. Era de reforcer os corações. Baqué triste, igual, soturno. Quanto mais perto, mais nos confragia.

Que idéa macabra!

Mas, já a entrar portas a dentro, já a se confundir com o estrépito de passos certos, candenciados, aquele som nos punha de pé. E, inopinadamente, jorrando por uma das portas, um batalhão se nos mostra. Batalhão? Uma bandeira! Ereis vós, meninos. Ereis vós, escoteiros! Marchaveis com firmeza; com brió, com orgulho. O tambor surdo ritmava-vos o desfile. Avançastes — a face parecia esaldar, as palpebras batiam num tic nervoso, humidecidas. Por pouco que vos não escorrem lágrimas dos pequeninos olhos. Outros olhos já se marejam e soluços borbotam. Proseguistes. De repente, um sorriso vos seca a veia do pranto. Entreabriram-se-vos os lábios: — cantastes.

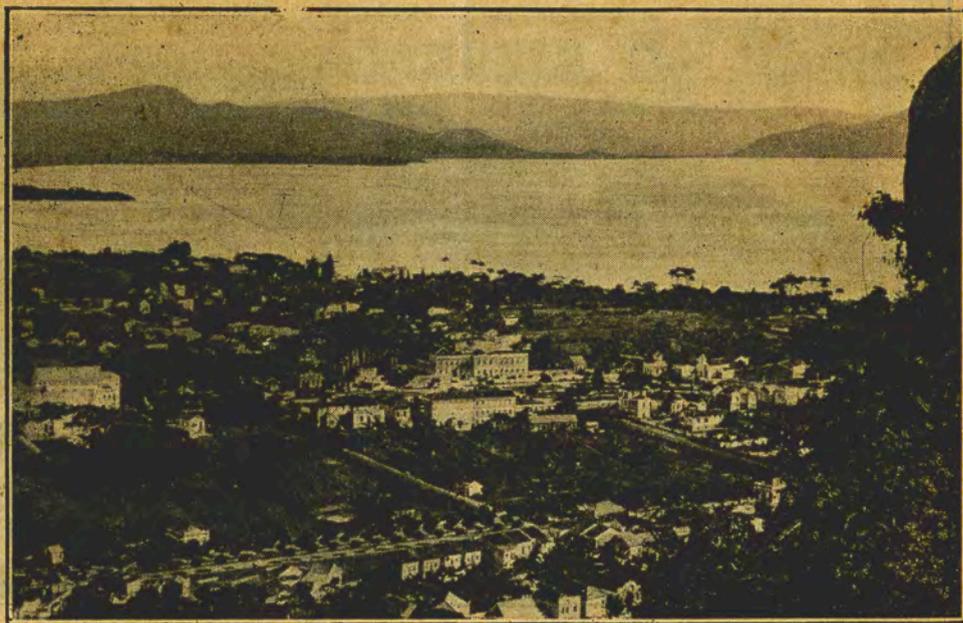
Era o hino que o poeta rimára:

«Salve lindo pendão da esperança
Salve simbolo augusto da Paz!
Tua nobre presença á lembrança
a grandeza da patria nos traz!

Recebe o aféto que se encerra
em nosso peito juvenil,
querido simbolo da terra,
da amada terra do Brasil!»

Os escoteiros! Almas generosas e altivas, floreação tocante de um grandiloquo ideal — o Ideal da patria imensa, dadivosa, irreduzível, povoada de carinhos e de heróis, de esperanças e de poetas; imensa no seu esplendor e nas suas creações, dadivosa em suas benesses e na sua hospitalida-

CIDADE MARAVILHOSA



Um lindo aspecto da «terra dos ocos alucinantes»

de, irreduzível em seu patrimonio civico e territorial.

Que melhores energias para conduzi-la, ampara-la? Que obreiros mais fecundos? Que existencias mais nobres e mais respirantes — que promessa mais fertil que a daquelas crianças, cujas lagrimas se desfolham em sorrisos deante da morte?

E eu, que chorava, me achei d'olhos enxutos, a sorrir convosco.

Verdade — juro-vos!

Não havia mais que cantar e viver e ir para a frente. O que eu via, o que se me desvendava era a resurreição, a obra imortal, mais forte que a morte, a certeza do Brasil que o poeta entrevira.

Bilac estava em vós; Bilac sois vós, rapazes — porque sois a vida do sonho em que ele se consumiu.

Mas, ouvi-me todos. Abram-se-me todos os corações.

A patria está sendo varejada. Idéas torpes aliciam adeptos. Esfriam-se-nos os fervores da campanha audaz. Mãos inexpertas versam livros abjetos em que a patria é nada e as promessas, fluidas do esterquilinio e do odio, se perdem em devaneios de escorregadia moral ou se entretecem ao sabor das insidias judaicas, origem da confusão em que o mundo estonteia. Desatam-se-nos os vinculos com a tradição mascula e bela. Vimos sendo alternadamente, galhofeiros, murmuradores e apaticos. Descoloram-se os aspectos diferenciais da brasilidade. Estamos num instante de patriotismo indeciso, com lacunas de rito, fugas de dever, fragilidades de amor.

O derrotismo insinua-se por toda parte. Reclamamos apóstolos.

Não faço discursos, prego. Não esmiuço vocabulos em que pompeie estilo de armar ao efeito — solto interjeições, grito a minha fé — a fé ban-

deirante, que constrói um nobre sistema de viricultura nacional — suplico, aos brados, uma hora de ternura, de interesse, de sacrificio, de abnegação, pelo Brasil.

Vivo, como a treze anos, a mesma intensa, vibrante, ilimitada esperança no milagre do poeta.

Volto a falar-vos, escoteiros.

Bilac, que os varões olvidaram, resuscita em vós, rapazes.

Pronunciemos bem alto o nome. Ele arrasta um cenario de apoteóse. Sabe a perfumes votivos.

Não sentis? Não vêdes?

Ruflam tambores. Sonoriza-se o ar, Dir-se-á que um altar se ergue, entre canticos.

Ha um Deus aqui!

Todas as divindades se adoram de joelhos; prostam-se todos os homens para cultuar seus deuses. A Patria venera-se de pé: o busto erguido, como se tiveramos de defende-la já. O nome do poeta invoca, neste recinto, a imagem da Patria. Solevantai esses hombros, fitai de frente. A patria está aqui. Bem dita seja! A religião que nos congrega junta entusiasmos e temores, responsabilidades austeras e alegrias que rebentam como clarins em festa e redoiram como rutilas madrugada. Cantemos ruidosamente a beleza da terra que o destino legou ao nosso povo. Recolhamonos, meditemos; a terra é bela, mas exige homens validos que a trabalhem e a defendam. Meditemos! Este povo cercam-no mil perigos, rondam-lhe os dias multiplas cobiças. Meditemos! Meditar não é desesperar. Meditar é concentrar energias, seleccionar valores, arregimentar emoções. A patria aqui está. Ouvide, rapazes, o reclamo vehemente que ela vos traz. A certeza do seu futuro vive nessas almas infantis e juvenis.

Escoteiro de 40 anos, eu vos invejo; eu vos saúdo — invejo-vos pelo Brasil que ides contemplar; saúdo-vos pelo Brasil que ides realizar!

Eia, rapazes!

Primavéra

O sól, banhado na alvorada, despertou o sonho místico do jardim murado, numa inundação de harmonias luminosas.

As papoulas bocejaram com seus labios rubros, tontas de sono.

Um botão acordou-se em sobresalto, alarmado pelos beijos loucos que lhe dava uma abelha. E ele sonhára que fôra o lírio!

A héra espreguiçou-se mólemente; debruçando seus brótos verdes sobre o muro, extasiada na contemplação do azul.

Um jardim fechado. Uma cantilena de aves e um esvoaçar de inséto.

Ha todo um mundo encantado nas alfombras do jardim, quando brinca a Primavéra!

Incensos de perfumes excéntricos desprendem-se das pétalas sorridentes. E o vento põe uma canção de vida nas folhagens sonolentas.

O repuxo atira para o céu aquela sua alma de perdulário, num esbanjamento louco de cristais irizados.

O chão ainda orvalhado cobre-se de pequenas manchas de sól, coadas pelo docél verde do carramanchão. E a areia é toda um transitó de formiguinhas, trafegando sua faina diaria.

PRIMAVERA! Que mundo encantado tu despartas nas alfombras do jardim!

No parque limitado dos meus sonhos também deitaste o teu condão florido! Despertaste a Vida, que adormecera nas noites frias do passado.

A alegria de viver canta nos teus labios, Primavéra!...

NILO MIRANDA RUSCHLE.

Piron e Voltaire andavam de pontas.

Um dia Piron vai á casa de Voltaire, e, não o encontrando, toma uma folha de papel e escreve — Porco, deixando-a sobre a escrivaninha do ilustre escritor.

No dia seguinte Voltaire vai a casa de Piron.

— Ontem, disse-lhe ele, encontrei o seu nome sobre a minha escrivaninha quando voltei á casa.

Venho pagar-lhe a visita...

TOMANDO CHIMARRÃO



Julgam que o garôto é gaúcho?
Enganam-se: é catarinense, verdadeiro
barriga-verde.

Em louvor dos seus olhos

Ha tanto brilho,
ha tanta luz no seu olhar,

que eu fico muitas,
muitas vezes a pensar:

Si é a luz do sol
que faz o seu olhar brilhar

ou si seus olhos,
muito verdes, côr do mar,

são os faróis
que iluminan a luz solar!

Nobrega de Siqueira.

SAUDADE

Saudade, palavra doce,
Que traduz tanto amargor!
Saudade é como se fosse
Espinho cheirando flôr.

Saudade, ventura ausente,
Um bem que longe se vê,
Uma dôr que o peito sente
Sem saber como e porque.

Um desejo de estar perto,
De quem está longe de nós;
Um—ai—que não sei ao certo
Se é um suspiro ou uma voz.

Um sorriso de tristeza,
Um soluço de alegria,
O suplicio da incerteza
Que uma esperança alivia.

Nessas tres silabas ha de
Caber toda uma canção:
Bem dita a dôr da saudade
Que faz bem ao coração.

Um longo olhar que se lança
Numa carta ou numa flôr,
Saudade—irmã da Esperança,
Saudade—filha do Amor.

Uma palavra tão breve,
Mas tão longa de sentir
E ha tanta gente que a escreve
Sem a saber traduzir.

Gosto amargo de infelizes
Foi como a chamou Garrett;
Coração, calado, dizes
Num suspiro o que ela é.

A palavra é bem pequena,
Mas diz tanto d'uma vez,
Por ela valeu a pena
Inventar-se o português.

Saudade—um suspiro, uma ancia,
Uma vontade de ver
A quem nos vê á distancia
Com os olhos do bem querer.

A Saudade é calculada,
Por algarismos também:
«Distancia» multiplicada
Pelo fator «Querer Bem».

A alma gela-se de tédio
Enchem-se os olhos de ardor...
Saudade—dôr que é remedio,
Remedio que aumenta a dôr.

HISTORIA BANAL

por **Almira Moritz**

Ela era linda e tinha vinte anos radiosos. Ele era simpático e de mocidade exuberante. A princezinha era descrente. O príncipe era filósofo. E entre um filósofo e uma descrente ha qualquer aproximação. Mas ela era esquiva. Ele era cético. Encontraram-se. Ambos jovens e formosos, ambos talhados para o amor. Porém... O príncipe olhava-a, insistente. Ela, indiferente, desprezava-o a principio. Ele dissera-lhe ser livre e ela acreditou-o. Começou a derreter-se o gelo de seu coração. E a princezinha alva, de olhos cismarentos e lindos, de olhos negros e de porte senhoril, não resistiu mais. Olhou o príncipe forte e insinuante, o príncipe que parecia não ligar a vida e tudo o que o cercava e que tinha receio de olhá-la. E, naquele olhar que trocaram prendeu-se o seu destino.

A princezinha indiferente amou o príncipe desconhecido. E como acabou a historia dos dois? Como nos contos de fada? Não. A princezinha morreu. Não fisicamente, porém o coração, ferido de amor, sucumbiu. É que o príncipe não a amára. Achava-a linda e seus olhos exprimiam apenas a admiração que (ela), a sua formosura estonteante lhe causava. O príncipe amava, porém outra mulher. E o golpe sofrido fôra tão intenso, que a alma da princezinha enfermou para sempre de um mal cruel e sem cura: o do amor. Ela era linda e tinha vinte anos radiosos. Ele era simpático e de mocidade exuberante. A princezinha era descrente. O príncipe filósofo. Talhados um para o outro. Mas separava-os o amor de outra mulher. E a princezinha, que jurára a si mesma jamais destruir a felicidade de mulher alguma, sofreu resignada e altiva a perda de seu amor. E entre ela e o príncipe colocou uma barreira: a indiferença. Tornou-se pensativa e triste. E o príncipe, vendo-a assim, olhava-a, como a querer desvendar o segredo de sua tristeza. Mas encontrava a mascara impenetravel do misterio, do silencio. Ela não o olhava sequer. Ele era filósofo. Ela era descrente. Sofria ele? Chorava ela? Ninguem o sabia. E a princezinha matou, no seu coração, todos os sonhos de menina feliz para não perturbar a felicidade de outra. E o príncipe, sem compreender, tinha no olhar uma per-

MENINO DA RUA

A garoa missangava as janelas iluminadas das casas.

O cabelo castanho, fugindo-lhe por sob o chapéu esfarrapado, traçava-lhe um «s», apressadamente, na fronte vivaz. A veste rustica. Alongou um olhar famélico para o mostruario-tentação de um restaurante. Os pés descalços. Na rua descalça. De um bairro operario.

* * *

Por que seria que Deus não se lembrava dele? Aquele Deus-bondade. Muito meigo. Que gostava muito dos pequeninos. Quem sabe si era ele que brincava, todos os dias, com a bola escarlate, oniluzente, do sol...

* * *

Sentou-se sobre uma lage. Na soleira de uma porta. Recostou a cabeça. E ficou pensando... Pen-san-do...

Sonhando... Um homem, muito bom, deu-lhe uma porção de coisas bonitas. Um pedaço daquele queijo que ele vira numa vitrina. Uma roupa igual á do menino rico que passeava de automovel. Todas as tardes. Eram iguais, agora...

Sorria. O semblante cheio de felicidade.

* * *

A manhã friorenta, brumosa, acordou-o... Um cão esqueletico lambia-lhe os pés gelidos.

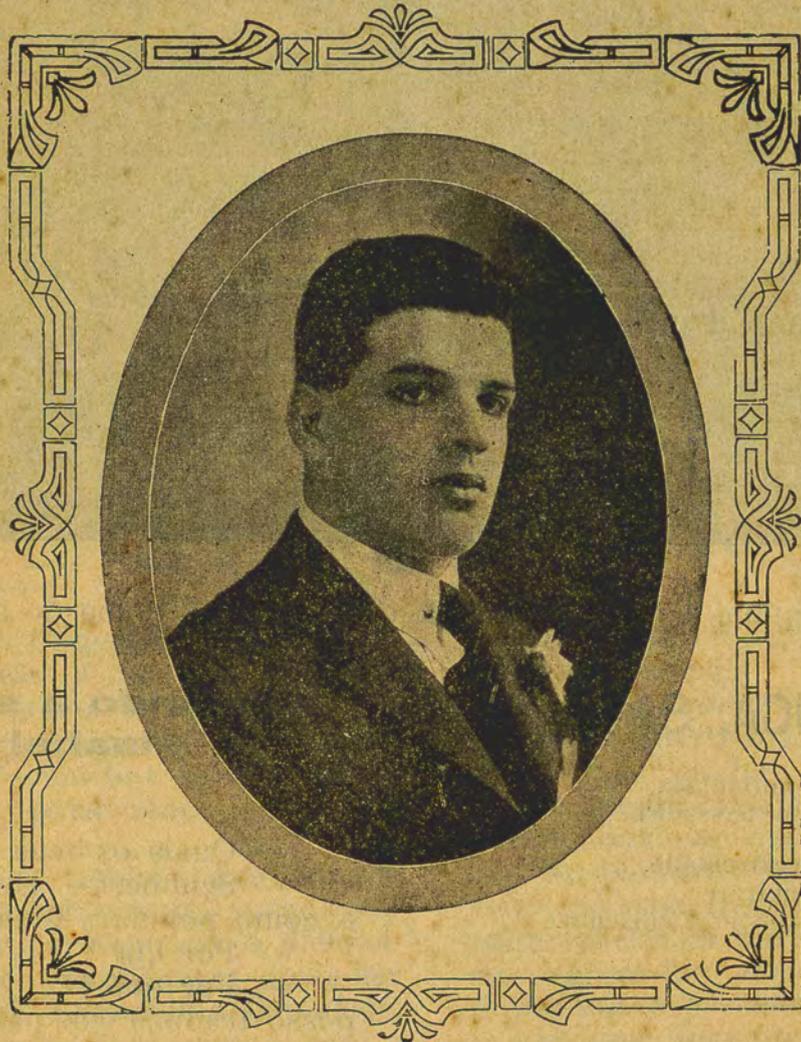
SILVEIRA PEIXOTO

gunta dolorosa. Porque me despreza? Porque? E só o silencio lhe respondia. A realidade estava ali: a princezinha indiferente e fria. Ela jamais havia de perdoá-lo. A injuria feita á pureza do seu sentimento, matara-a moralmente. O príncipe morrerá para ela. E ela morrerá para o amor. Ele jamais chegou a compreender o porque daquele desprezo imerecido. Ambos sofriam. E a historia do príncipe filósofo e da princezinha descrente teve um fim triste. Não acabou como nos contos de fada. Terminou banalmente, como a vida. A princezinha — morta para o mundo. Nunca mais amou. O príncipe vendo-se desprezado, esqueceu-a depressa, como todos os homens esquecem. E a princezinha alva, de olhos cismarentos, morreu de amor, porque jamais poderia dizer ao príncipe amado esta frase banal: Eu te amo. E era uma vez um príncipe filósofo e uma princeza descrente. E entre eles dois — a indiferença!

Florianopolis, fevereiro de 931.

ALDO LUZ

(HOMENAGEM DE SAUDADE)



Nós, os continuadores da tua obra ingente, aqui estamos firmes, realizando, dentro das nossas possibilidades, o que tu, um dia, sonhaste, vizando o esplendor do desporto nautico na terra barriga-verde.

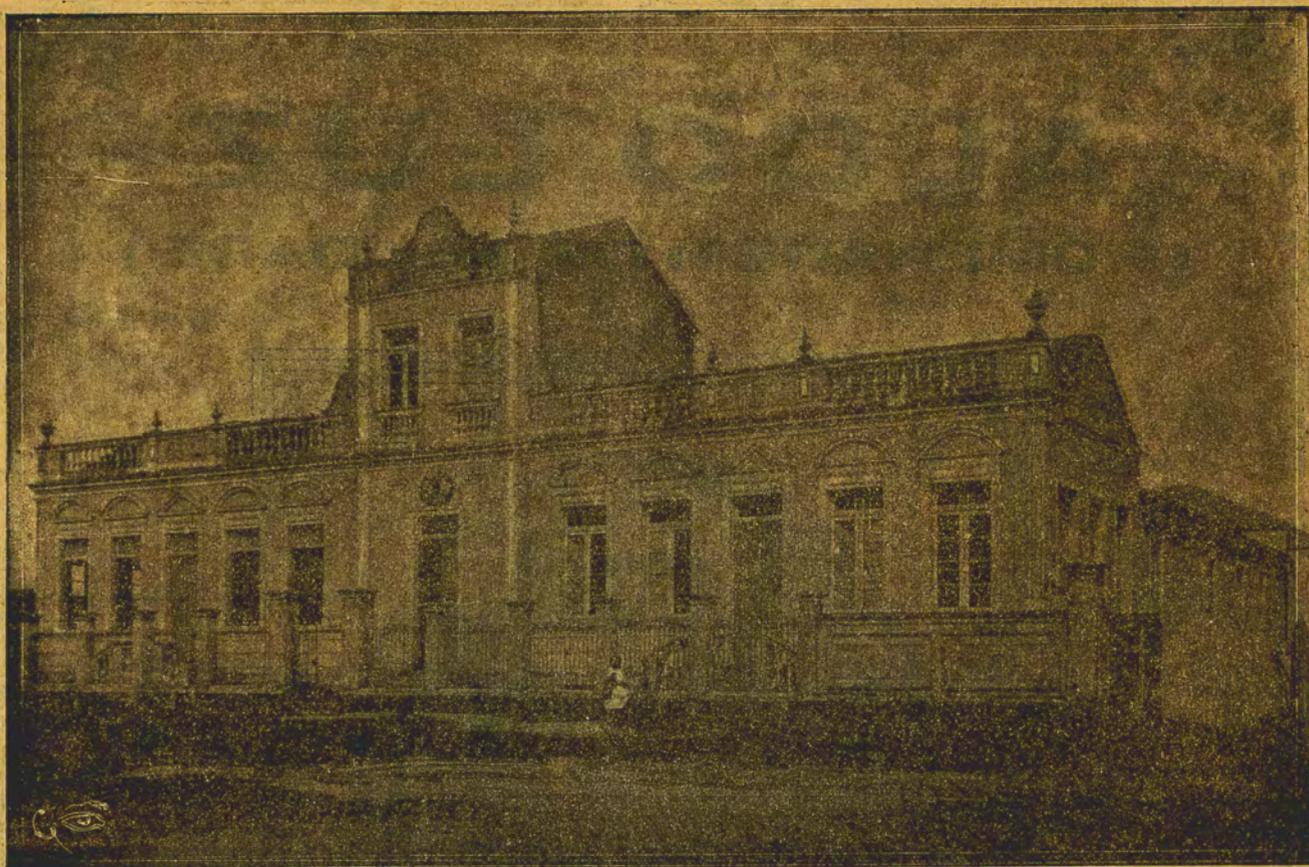
E no dia de hoje, em que damos ao nosso Estado natal mais uma demonstração de valor, orgulhosos por ter-te como patrono, evocamos o teu nome, como simbolo da vitória que se nos desenha, corôando nossos esforços.

Que seja essa singéla homenagem, prestada com a sinceridade que envolve o nosso coração de moços, interpretada como imoriedoura saudade e eterna gratidão pela obra que nos legaste e ao teu cêspede natal, — a nossa sempre querida Santa Catarina.

No dia de hoje, que cada legionario do Aldo Luz se sinta feliz por fazer parte do seu elenco social, entrelaçando, com as nossas eternas saudades, a corôa imarcescível que é o halo a cercar a tua frente de valoroso «sportman» que foste.

Florianopolis, 15—11—1931

A DIRETORIA DO C. R. «ALDO LUZ»



Asilo Irmão Joaquim, á rua José Veiga, que lembra o nome do santo catarinense.

BLUSA BRANCA, SA'IA AZUL

Deixa-me que te diga, normalista,
Hoje que eu acordei tão passadista:

— Tu és a cara alegre da cidade.
Si tu vens, ha sol menino;
Si não vens, tudo, tudissimo é cinzento.
Andas no destino,
No enfeitamento,
Na paixão de toda gente...

És figurinha assim de sonho... Talqualmente...

Tua saia azul, tua blusa branca, em lindo tom,
A gente as imagina
Fluidicas, menina...
Tu já foste uma capa de «Fon-fon»...

Tua risadinha
Tão meudinha
Parece que é
Um dourado «flaconet»
De Coty
Ou Cheramy.

... Todo o dia é dia santo
Porque vens despejar o teu encanto
Na cidade tentacular, sensacional
Ou então... é feriado nacional...

Um dia, porém, não mais virás...
Irás

Ouvindo a senhorinha Isabel Leal

(Conclusão)

— Quais os seus autores prediletos?
— Schubert e Haydn, como classicos,
e, como popular, Zéquinha Abreu.

— Por quê?

— Por quê?!... Eu o sinto, mas não
póssO traduzir em palavras.

— Qual é a sua divisa?

— Sofrer com paciencia.

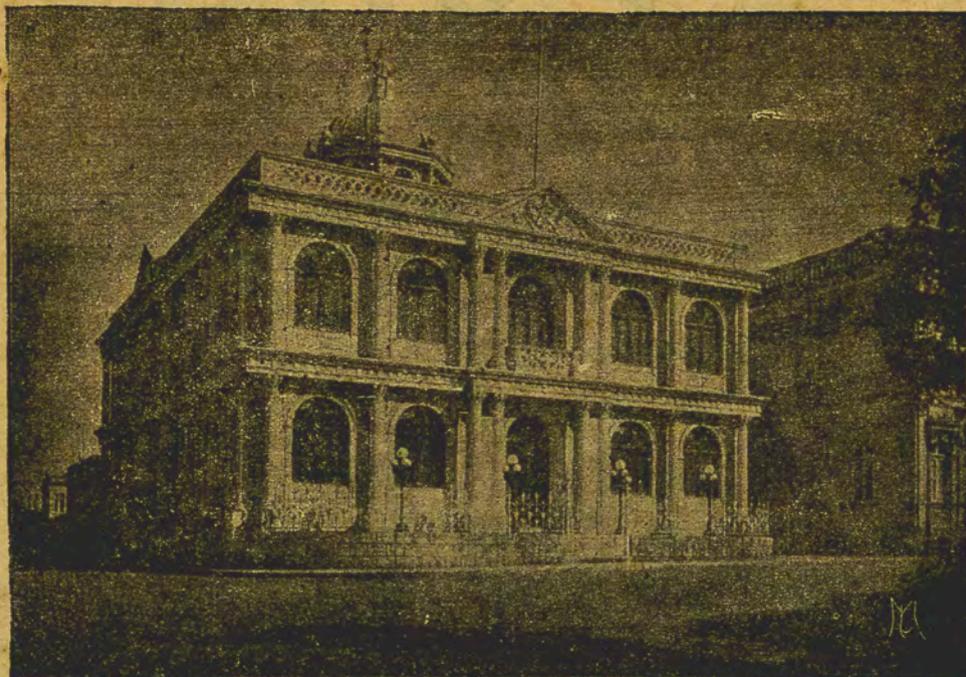
Estavamos satisfeitos.

Entrevistamos uma magestade que,
no Brasil republicano, reinará numa clas-
se forte e idealista... e no coração da nos-
sa mocidade!...

P'ra longe a ensinar meninotes sardentos
E has de lhes mentir como nunca eu menti:
— «O Brasil foi descoberto em 1500!...»

Que mentira! O Brasil és tu...

... E faz um mês apenas que eu te descobri...



O Palácio da Assembléa Legislativa, atualmente fechado, aguardando a Constituinte...
— — para dias de maior esplendor ! — —

Altruismo

D. Bernardina Camaleão, filha do finado Amaro Camaleão, é uma das senhoras com quem muito gosto de conversar.

Não é que eu seja de natural conversadora, mas d. Bernardina tem a maravilhosa qualidade, para mim, de ser pedante.

Conversar com pessoas que sofrem dêste mal, é-me, infinitamente, agradável.

Se se pudesse caricaturizar o dicionário, humanizá-lo e feminilizá-lo, devia ser com a figura de d. Bernardina Camaleão.

Gordona, baixota, bochechuda, aqui e ali, no rosto umas preguinhas a enfeitá-lo, parece um volume do Pequeno Dicionário de Figueredo, última edição.

E ela, com todo o seu pedantismo, o seu empolamento, e a sua melosa literatura á Escrich, é bastante simpática.

Muita vez, entre risonha e séria, recebo os seus «amplexos» e os seus «ósculos» e muito me distraem as suas palestras, á moda de aula ou doutrina, em que extravasa todos os seus conhecimentos enciclopédicos, aliás, colhido numa velha e sebosa enciclopedia do avô, que Deus tenha lá.

Vezes, porém, é duma simplicidade de arrepiar os cabelos, chegando òs raios da estupidez.

Há dias, fui vê-la. Estava triste: destroncara um pé.

— ¿Mas, como foi isso d. Bernardina? perguntei interessada.

— Pois, minha jovem, ontem, quando o sino tocava melancolicamente o Angelus, encaminhava-me para o meu lar.

No passeio, êstes horriveis e altos passeios, ao meu flanco esquerdo, vinha um pequerrucho de um lustro presumível. Não sei explicar-lhe como, todavia, a verdade é que pus o pé em posição dúbia, e senti ia obedecer, inevitavelmente, á lei da gravidade, isto é, ia cair.

Se tal acontecesse, o pequenino rolaria no lodoso leito da via pública, o que poderia ser fatal.

Para evitá-lo, elevei a minha vontade á quintessência e vim cair, junto á porta da casa da tia Maricota, destroncando o pé.

— ¡Oh! mas isto é puro altruismo, d. Bernardina! disse-lhe sorridente.

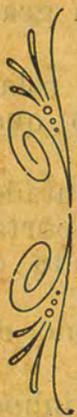
E ela, olhando-me, com os olhinhos miudos a piscarem muito:

— ¡¿ Ah! é?! ¡ A vizinha aqui do lado me disse era nervo torto!!!



Consequencia do movimento revolucionario de outubro, serão os embates em que se empenharão os partidos. Já se pode prevêr o que eles serão pela atividade sadia que se antecede á convocação da Constituinte proxima.

Eis aí um aspêto dos pródromos dos grandes prélios civicos em que o municipio de Tubarão procurou demonstrar, na pessoa do dr. Henrique Rupp, a sua fidelidade á Legião Republicana.



FILMS



Dom José Mojica
e Mona Maris, da
Fox Movietone,
interpretes de
«O Domador de
Mulheres» e «Lou-
curas de um beijo».

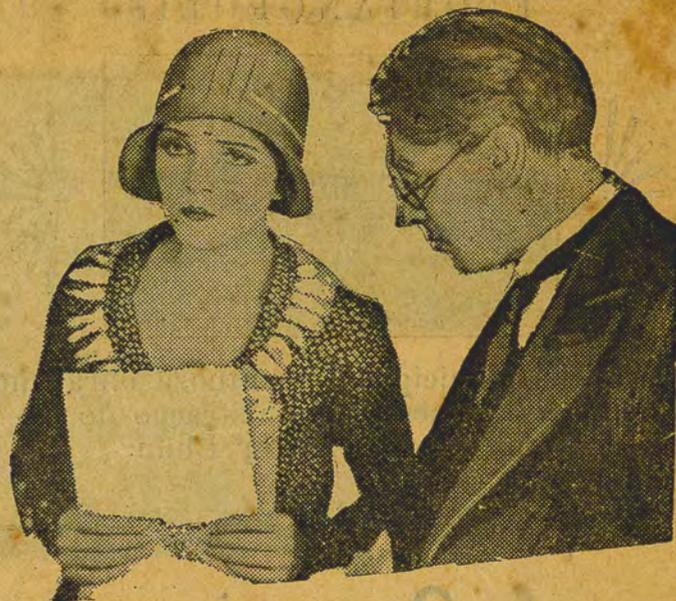


O nome fulgurante e querido de José Mojica impõe-se logo como o prenunciador de um êxito sem precedente. Pois assim tem sido e continuará a ser, porque, incontestavelmente, José Mojica é o idolo das multidões que adoram um cantor magnífico e que, sobretudo, tenha, como Mojica possui de sobra, uma galante e ousada personalidade. Vimo-lo em «Loucuras de um beijo» e «Domador de Mulheres», dois sucessos legítimos, e ve-lo-emos breve no seu mais recente e regio film — «Príncipe sem amor» — onde, pela vez primeira, apreciaremos um Mojica diferente, arrogante e principesco.

Com o famoso tenor da «Opera de Chicago», aparece a fascinante Conchita Montenegro, mais sedutora e mais linda do que nunca.



Mojica e Mona Maris em «Loucuras de um beijo»



Dois figurantes do film «Argila humana».

Lya de Putti



Com a morte de Lya de Putti, a formosa interprete de VARIETÉ, perde o céu da cinematografia uma das estrelas mais refulgentes.

Paixão de Mulher

O amor de mulher nem sempre é um capricho, fantasioso de seu temperamento morbido. Ha por certo, mulheres fatais como Cleopatra e Aspasia, mas em compensação existe Carlota Manson, mulher que ama com loucura, desejo e sinceridade.

Habituada a usufruir a vida entre os magnificos esplendores da Gloria, admirada e cortejada pelas multidões, Carlota tinha o coração adormecido.

Eis o despertar maravilhoso do amor e da mulher!

A natureza em toda a gama da volupia se infiltrava no sangue e na alma de Carlota. Não é mais a artista que domina, é o amor que inspira soberana e divinamente no seu corpo, no seu olhar e em seus beijos lubricos transportados de desejo e de paixão!

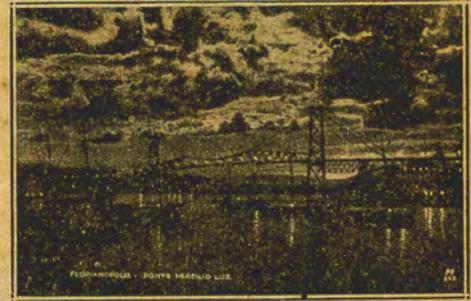
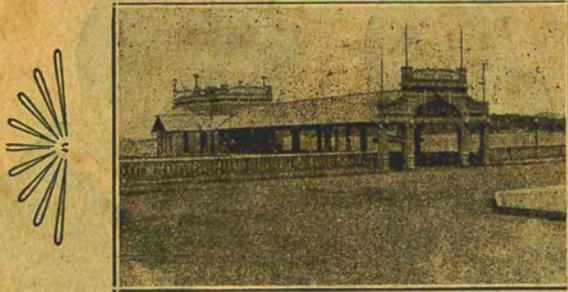
Todo o seu ser é uma harmonia de linhas esculturais e uma sinfonia sedutora que vibra ao mais leve contato, transformando em sons, os suspiros e os sussurros de amor!

Neste alvorecer sublime de mulher, Carlota Manson, personalizada na lindissima Jeanette Mac Donald, é uma visão gratissima, difficilima de esquecer. E' que perdura em todos a lembrança da primeira conquista, que se resume sinteticamente em um «boudoir» perfumado de gotas de pecado, beijos de luxuria, beijos amargos de sangue, rostos macerados de «rouge», e um lindo corpo de mulher, fulgindo marmoreamente entre sedas e flores, que jaz em suplicios de amor...

Esta transformação da artista e da mulher, que vamos assistir dentre luxo e arte «Paixão de Mulher» a produção smart da Fox Movietone, onde aparecem com Jeanette Mac Donald, Reginald Denny, Marjorie White e Albert Conti, no corrente mês.

FLORIANOPOLIS

— ISTMO DE AÇO —



Trapiche Municipal — Suntuosa obra que lembra a honesta administração do ex-prefeito dr. Heitor Blum.

A gigantesca ponte metálica Hercílio Luz, a mais importante da América do Sul.

A Caveira

A Tempestade

Fui hoje ao cemiterio e vi num canto,
A esmo ali jogada, uma caveira;
Provou-me isto que nem no Campo Santo
A paridade se revela inteira.

Fôsse de um nobre ou quem valesse tanto
Havia de jazer de outra maneira;
Só de um vilão podia ser, portanto,
O craneo abandonado na poeira.

Quís contorna-lo, para o ver de frente,
E pela escarpa resvalou da estrada
A caveira, a pular grotescamente...

Não pude reprimir numa risada,
Que abafou, entretanto, num repente,
A lembrança da propria derrocada...

Bóreas, soprando, com fenocidade
Põe das nuvens em marcha a caravana;
Raios cintilam, pela imensidade
E a chuva cai, por fim, diluviana...

O borbórinho, a febre, a intensidade
Da vida cidadã quotidiana
Cedeu lugar á dramaticidade
Da tormenta, convulsa e soberana.

Como apresentam vistas diferentes
A cidade, sem vida nesses dias,
E o temporal, em explosões frementes!

— As almas são assim; (vêde-as, ouvi-as):
Umás, febrís, indómitas, ardentes,
Outras, sem ilusões, ôças, vãsias...

O D I L O N F E R N A N D E S

FEIRA DE SATAN

— Para a «RENOVAÇÃO» — **Belzebuth**

Em amor tens brincadeiras
de namorar por sessões,
que pareces nas maneiras
o Jacob das prestações.

Morreu (a dôr é pungente) !
o Soares, da Tavares;
e a viuva a toda a gente:
«Morreu! Deixou-me só ares!»

Eu sempre queria vêr
se ainda hoje há serpente
para dar pomo a comer
às Evas de tanta gente.

Quando entre mim e o sol nado
passas, leve e transparente,
teu corpo fica aureolado
dos raios X do sol nascente.

Esguia e leve e melindrosa,
rica e gentil é Altair
e quando ela passa a Rosa
amú-a-se, vendo-a, alta ir.

Nas meninas dos teus olhos,
morena, que tentação!
há de amor uns tais abrolhos
fatais á navegação!

Quem canta o seu mal espanta,
é verdade a certo ponto;
mas acrescentai um conto
quem espanta o seu mal canta.

Margarida não me iludas
que a Fausto tu já não queres,
na tua idade por Judas
desfolham-se os mal-me-queres.

Os teus olhos são brazeiros
em cujo calor tu te ardes,
por isso é que o Zé às tardes
chama o corpo de Bombeirosos.

Trigueira linda e mimosa,
eu conheço os teus anseios,
vives tal qual uma rosa
e trazes cravos nos seios.

Defronte a minha janela
há outra que é da vizinha;
daquela eu vejo que é ela
que defronte, vê a minha.

Quando tu pulaste a poça
de lama, naquela rua,
eu vi na poça uma moça
e uma perna toda nua.



O majestoso marco divisionario entre Uruguai e Brasil — Rio Grande do Sul —
Este marco separa as terras dos dois paises mais amigos da America do Sul.

TRECHO DE MODICIDADE

— POR CONDE DE MONSARAZ —

Se me lembro! E posso eu nunca esquecer-me
Desse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu como se fosse um verme
A branca flôr das illusões mais puras!

Viviamos ali como em segredo;
Eu novo e bom, tu generosa e bela.
Entrava-nos o sol pela janela
E o riso dos pardais de manhã cedo.

Pelo campo crestavam-se as espigas,
A brisa desflorava os laranjais,
E ondulavam as rusticas cantigas
A' sombra resinosa dos pinhais.

Gemiam nas azenhas dos lagares
As monotonas aguas espumosas,
E os insetos brindavam os pomares
Bebendo pelos calices das rosas.

O sol caía a prumo nos valados
E, causticando os pantanos dormentes,
Entornava topazios facetados
Na tranquila epiderme das correntes.

Como um louro «champagne» que transborda,
Embebedava a natureza o sol:
Escutava-se o eterno si-bemol
Dos zangões nos violões duma só corda.

E fizemos ali, pombos, o ninho
Do nosso amor apaixonado e quente,
Entre os festões dum bosque rescendente
A madresilva agreste e o rosmaninho.

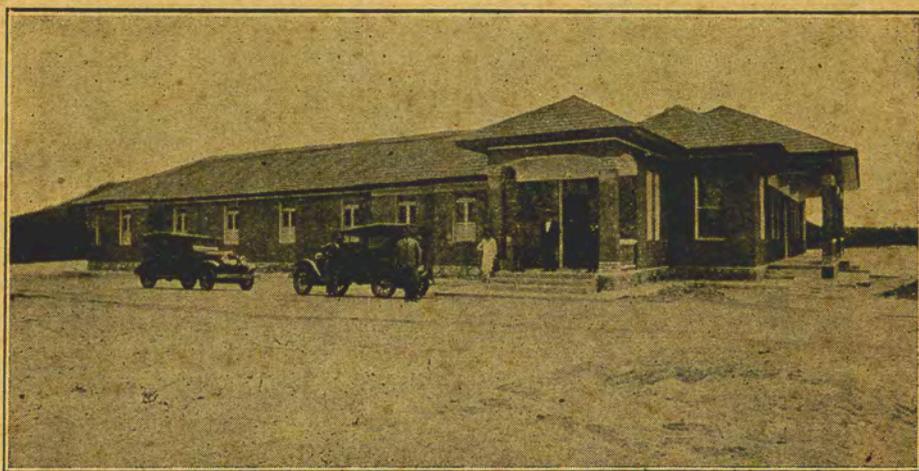
Cedendo ás moles tentações do sono,
Naquela atmosfêra abafadiça,
Por sobre a relva á sombra — que abandono! —
Deitavamo-nos ambos — que preguiça! —

E tu, olhos e bôca entre-cerrados,
As narinas febris, vermelho o rosto,
Com os seios de neve libertados
Do teu roupão de rendas descomposto,

Beijavas-me a cabeça, as mãos e o peito;
E os braços num frenetico alvoroço
Sentia-os apertarem-me o pescoço
Nos jaspes dum colar branco e perfeito.

.....
.....

Já vês que nunca, nunca, hei de esquecer-me
Desse amor tão cortado de loucuras,
Que me roeu como se fosse um verme
A branca flôr das illusões mais puras!



O «Balneario de Canasvieiras» é, indiscutivelmente, o ponto preferido da elite florianopolitana. Construído na formosa praia de Canasvieiras, está o lindo e luxuoso balneario aparelhado para hospedar as mais destacadas famílias da nossa alta sociedade e turistas.

Dispõe de muitos quartos mobiliados confortavelmente, ótimas salas de jantar, de musica, de fumar e de palestra. E' fartamente iluminado a luz elétrica.

Serviço de auto-onibus diariamente da capital — ida e volta.

O cosmopolitismo de Paul Morand

O cosmopolitismo de Paul Morand é um espetáculo curiosíssimo. Exprime um dos aspectos mais bizarros da inquietação moderna: a voluptuosa ansia de sentir, na dança rápida da paisagem, a emoção ginástica da velocidade. Fundamenta-se na compreensão estética do movimento, do transporte da nossa animalidade civilizada. O homem que anda, que se desloca, não possui um estreito ponto de contacto com o que está parado. Os seus estados de alma são diferentes. Si o que anda se põe a correr é evidente que o seu modo de olhar a vida se modifica. Adquire a intelligencia atrevida da emoção em transito, o habito da mudança veloz, o costume de não parar... Como podemos nos entregar a todas as loucuras da velocidade, fixando, em tumulto, as paisagens de todos os países, confundimos as noções geograficas sobre povos e patrias. Além disso a velocidade nos é indispensavel para a conquista das distancias. O homem actual é seu escravo, adaptando a sua vida ao seu dinamismo. Daí a concepção de que o cosmopolitismo é a nossa tendencia mais natural, constituindo o mais frequente anseio da alma humana... Para explicar a sua teoria Paul Morand fez uma viagem movimentadissima, tornou-se o anotador cubista das paisagens e das fisionomias surpreendidas num relance. O seu olhar é uma prodigiosa «kodak». Arregalou os olhos num vagão de estrada de ferro, num maple de automovel, numa cabine de aeroplano, e recebeu a invasão cabriolante das imagens, o chόque diréto com a realidade aos saltos, aos pinotes, em apressadas

estampas cinematograficas. As fronteiras foram atravessadas, os climas, as atmosféras, os países, as organizações sociais, as nacionalidades se sucederam, mas os olhos são os mesmos, o seu aparelho recetor de imagens não se alterou, a sua impressão visual do mundo não perdeu a verdade superior com que ela foi estabelecida. Nem a diferença dos idiomas exerceu a menor influencia sobre o modo por que o viajante interpretou a vida em movimento. A linguagem objetiva do olhar é um claro esperanto. Essa atitude puramente literaria de Paul Morand, assumida, muitas vezes, sem a menor intenção, indica a influencia formidavel que a conquista da velocidade exerceu na nossa evolução mental. Desde Whitman, com a violenta abertura da sua sensibilidade á grandesa continental da Terra, que o espirito humano adquiriu a sua actual expressão de intranquilissima tortura. Marchamos para a frente, num vôo sensacional de aeroplano, numa chispada empolgante de automovel ou na corrida vertiginosa dum expresso. A idéa da realidade fisica conquistou nova estrutura espiritual por que ela passou a ser encarada como um jogo inteuvo de imagens, uma sucessão de quadros animados. E' o dominio da imagem visual, inquieta, como as estampas cinematograficas. Que é o cinema senão uma demonstração plastica da velocidade? Nestas condições o nomadismo não póde deixar de ser a mais inflexivel sollicitação da vida moderna...

UM VELHO E NOVO HISTORIADOR

JOÃO RIBEIRO

Temos agora naturalizada em nosso idioma mais uma historia do Brasil, a que escreveu Handermann ha pouco menos de um seculo.

O original em lingua alemã não tinha nem podia ter a vulgarisação merecida. A lingua alemã é cultivada por poucos brasileiros e os que a cultivam preferem outros generos de ciencia e de literatura.

Conhecia. Li com grande interesse o livro de Handermann, como li os de Southey e Varnhagen, por prazer e gosto, mas tambem por immediato proveito.

Professor de historia nacional, preparava-me para escrever um compendio da nossa historia. E achei neste substancioso trabalho de Handermann muitos «pontos de vista» que necessitava para compreender a nossa historia.

O principal de todos eles era o do «particularismo» do desenvolvimento do Brasil. A nossa patria não se originou de um nucleo central que se multiplicasse ou se expandisse como Roma.

Handermann notou esse particularismo que era o mesmo da Alemanha, com a diferença que nós lhe davamos o exemplo selvagem e bravio desse genero de formação nacional.

O Brasil, de fáto, desde os meados do seculo XVI começou a nascer ao mesmo tempo em diferentes pontos, incomunicaveis quasi. As distancias e o sistema colonial favoreciam esse crescimento e a independencia dos nucleos creadores mais o agravava.

O sistema colonial ligou esses nucleos á metropole, mas não os ligava entre si. A unidade existia na religião e na raça, mas definhava ou estava ausente na administração.

O resultado foi que só se começaram a entender quando a expansão de um colidia com a do outro visinho. A's vezes a guerra os aproximava ou fazia nascer outro nucleo povoador, como no caso do Maranhão e das povoações do sul. As grandes industrias da criação e da mineração formaram o contacto do interior com a zona litoranea e foram os fatores decisivos da unidade territorial e nacional.

Essas idéas que eram as de Martins e depois de Handermann instruíram-me a respeito do método que havia de seguir.

Eis o que devo a Handermann e mais nada.

O livro de Handermann pôde agora ser lido por todos, na magnifica edição em vulgar feita pelo Instituto Historico. A tradução foi feita por três distintos conhecedores da lingua, Raphael de Mayrink, que começou a versão, a Sra. Lahmeyer, que a concluiu e Bertholdo Klinger que a reviu cuidadosamente.

A edição do Instituto acresceu ao texto as excelentes notas de Basilio de Magalhães, as quais é pena que não fossem mais numerosas como seria desejavel.

O ministro Hubert Knipping obteve dados bio-bibliograficos e o retrato de Handermann que foi em sua patria diretor de um museu de antiguidades e professor da Universidade de Kiel.

A versão brasileira demorou assás, porque ha mais de setenta anos foi escrita e era de mister que fosse conhecida imediatamente. Afinal, temos ao lado de Southey esse grande escritor que amou o Brasil de longe sem outro conhecimento que o da erudição literaria.

CRISTO FALAVA...

«Outrora era corrente supor-se haver Cristo falado o arameu. O proprio Renan o acreditava. Mas agora sabemos que os camponeses da Galiléa falavam duas linguas, como hoje os camponeses da Irlanda e que era o grego o idioma espalhado em toda a Palestina, ou melhor, em todo o Oriente.»

OSCAR WILDE



—(Encantadora paisagem da Ponta do Leal)—

Educação infantil

A recente estatística publicada pelo departamento sanitario inglês revela o quanto é possível conseguir com método em beneficio da população infantil. Graças a providencias de ordem puramente higienica, o nivel de vida no seu conceito funcional melhorou consideravelmente. Todas as providencias que não tiveram por immediato objetivo alcançar a modificação das condições de alimentação e da habitação, tornando ambas mais racionais, redundaram em completo fracasso.

Postas em execução medidas tendentes a atender aos dous aspectos essenciaes, melhorando a alimentação e inclinando as crianças a adotar habitos de vida mais em correspondencia com os preceitos naturais, os resultados depois de alguns anos de tenacidade e de perseverança se apresentam os mais animadores.

A mortalidade diminuiu consideravelmente, como resultado do gráo de resistencia dos organismos infantis e ainda como consequencia, o aproveitamento intellectual das crianças nas escolas se faz com muito mais rapidez, sendo apreciavel a correspondencia direta dos organismos sãos com o poder de sua intelligencia.

Fixando essas observações que a estatística sanitaria inglesa sugere, temos em mira chamar a atenção das autoridades sanitarias para o indice elevado da

mortalidade infantil, como resultado da falta de observancia entre nós das verdadeiras normas, que devem presidir á puericultura,

É impossivel conseguir os salientadores resultados atingidos pela Inglaterra quando a educação das crianças se faz com absoluto desprezo pelos conselhos da ciencia moderna. A população infantil é mal alimentada, vive na sua grande maioria trancada em quartos nas habitações coletivas, sem receber um raio de sol, numa atmosfera carregada, que dentro de pouco tempo terá sacrificado as disposições naturais da criança, por mais bem dotada que tenha nascido.

A hereditariedade sã é necessaria, mas a educação racional é ainda capaz de milagres, modificando, alterando no todo ou em parte o «deficit» organico congenito.

O homem novo que a ciencia biologica pretende criar é capaz de sair da puericultura, submetendo a criança desde o berço a condições de vida em harmonia com as necessidades naturais de seu organismo.

DE BERNARD SHAW:

Uma das muitas «misses» eleitas nos concursos de beleza dos Estados Unidos escreveu a Bernard Shaw:

«O sr. é o homem mais intelligente do mundo, e eu a mulher mais bela. Casemo-nos; nossos filhos serão maravilhosos de corpo e espirito.

Ao que respondeu o inglês:

«V. exa. é muito amavel, mas o diabo é que os filhos podiam sahir ao pai pelo corpo e á mãe pelo espirito...!»

FRASES



Ser como a água. Ser como as fontes, como as neves, como as torrentes das montanhas.

Ser a torrente! Branca, forte, rolando o ímpeto entre espumas alvinitentes. O bando de macacos grita em fúria diante da torrente. Mas o rumor da torrente apaga o grito dos macacos. O bando lança-lhe pedras, atira cipós, árvores, lama. A torrente arrasta tudo sem macular-se. E, a um raio de sol, o que ela baralhou e empurrou e desprezou e apagou no sonho das espumas — tudo se irisa de gemas diluídas, de maravilhas, de esplendores.

O artista deve ser como a água do oceano — inquieto, independente, diverso e igual. Como a água das neves — pureza do céu congelada em brancura. Como a água das fontes que reflêta, dessedenta e desaltera. Como a água das torrentes que tudo arrasta.

Que importam os macacos, quando um raio de sol faz-nos criar a beleza? Que importam os doestos, quando rolamos na transformação da espuma o lodo vil das calúnias?

Torrente! Sempre torrente! Viver torrente! Morrer torrente.

PAULO BARRETO

A Neve e a Areia

Deus fez talvez o mundo para o homem, mas a néve e a areia com certeza as fez para as creanças. Quem alguma vez, numa praia, viu toda uma humanidade pequenina erguendo fortes castelos ou furando profundas minas, terá de certo pensado, como eu penso, que a areia — é um brinquedo nato. E igual impressão nos fica quando vemos, nas cidades do Norte, as creanças das escolas assaltando as primeiras neves, deslizando por elas como formigas por assucar, com elas construindo estatuas ou bolas de arremesso, e cahindo sem se magoar, porque neve e areia as fez Deus paternal e carinhosamente brandas e moles para os corpos tenros a cuja alegria as destinava.

Com neve e com areia, doces e maleáveis, realisam as creanças todos os projetos das suas imaginações impacientes. Rapidamente constroem e destroem, porque areia e neve obedecem á sua voz como á de pequeninos e tiranicos deuses creadores. Ambas lhes trazem saúde e vida, uma no ar tónico do mar seu visinho e namorado, a outra no frio são e vivificante que a creou e no manto de imaculada alvura com que afoga lamas e poeiras. Uma é de

A Cegonha e a Cigarra

A margem de um rio,
ouvindo o murmurio
das aguas,
estava uma Cegonha
carpindo, triste, as maguas
que a tornam tão bisonha.
Do alto, de repente,
do peito da Cigarra,
em uma voz plangente,
um canto se desgarra.

E a Cegonha
tornou-se mais tristonha,
tornou-se mais quieta,
ao som cheio de encanto
daquella voz bizarra.

É que a alma do poeta,
que vive na Cegonha,
escutára o seu canto,
que móra na Cigarra.

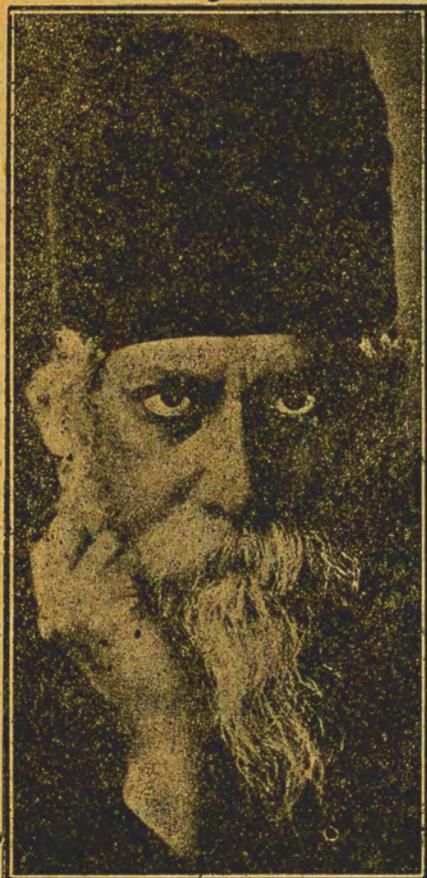
J. Martins de Oliveira

oiro e a outra de prata, como sol e luar, e se eu fosse pintor ou poeta sem esforço as representaria como as duas boas fadas postas por Deus ao serviço das creanças para lhes ensinarem, por um abecedario vivo, as primeiras letras da Vida, e lhes põem nas mãos armas sem ponta para o ensaio geral dos seus combates de algum dia...

Alberto d'Oliveira



M o r r e r



Mãe, é a minha vez de me ir embora; adeus!
Quando, na claridade triste da madrugada, estenderes os braços para a cama do teu filhinho, eu direi: «Filhinho não está mais aí; mãe, adeus!»

Eu me tornarei no vento brando e te envolverei em caricias; eu serei as ondulações da água cristalina em que te banhares; e dar-te-ei beijos, muitos beijos.

Nas noites escuras e tempestuosas, por entre o ruído da chuva, batendo as folhas das árvores, ouvirás a minha voz, baixinha, junto a teu leito; e com o relampago, pela fresta da janela, o meu riso encherá de vida o teu quarto.

De noite, quando estiveres acordada, pensando no teu filhinho, eu te acalentarei do alto das estrelas, cantando: «Dorme, mamãe, dorme».

Irei para a tua cama com os raios tranquilos da lua, e deitar-me-ei sobre o teu seio, enquanto dormires.

Tornar-me-ei em sonho, e me esconderei no mais profundo do teu sono, entrando de mansinho pela pequenina abertura das tuas palpebras; e quando acordares, aflita, á minha procura, eu estarei voejando, cintilante, nas trevas, como um inseto luminoso.

Pelas festas do Natal, no meio da alegria buliçosa das outras crianças, eu serei a música que te faz saudades, e tocarei dentro do teu coração o dia inteiro.

E quando os parentes chegarem com os brinquedos e perguntarem: «Onde está teu filhinho?» Mãe, tu responderás com doçura: «Ele está aqui nas meninas dos meus olhos, no meu corpo, dentro em minha alma».

RABINDRANATH TAGORE

Vencido

Guerreiro, a quem o vencedor esmaga
Sob um pesado jugo de vilão,
O orgulho exalta na escravização,
Da justiça vindoura a idéa afaga!

Si os anos trazem, quando o ardor se apaga,
O estigma tôrpe da resignação,
Emquanto inulta fôr a humilhação,
Seja teu sacrificio aberta chaga.

Teu filho em armas multiplas adéstra,
Fá-lo ambicioso de marcial afã,
Torna a impiedade sua grande mestra!

Que tua dôr será maldita e vã,
Si um futuro de calma te sequestra
Ao dever da vingança de amanhã!

Jesus

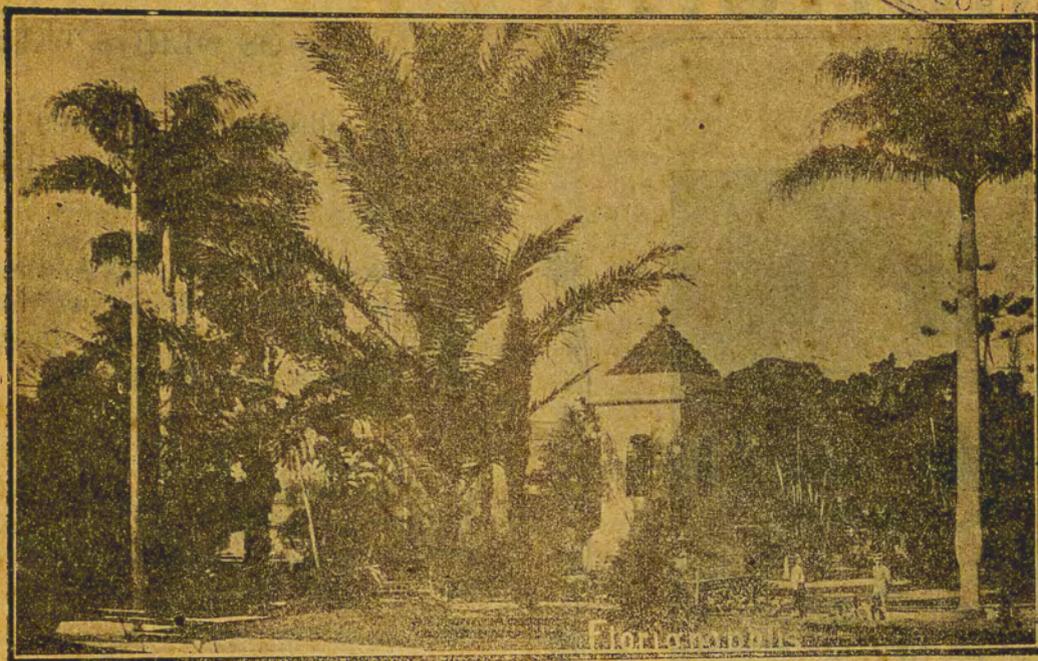
Os humildes e os tristes são contigo.
És o triunfo magnanimo da luz,
A justiça que fere e que seduz,
Pondo laivos de gloria no castigo...

Todo o rebanho humano encontra abrigo,
Sumo pastor, aos pés de tua cruz.
A precencia divina em ti transluz,
E o amor acolhe no teu gesto amigo.

Teus fiéis se agregam numa turba imensa:
És o mais puro ideal de perfeição,
A mais limpida síntese de creança.

E, no teu culto, a divinização
Se oferta aos homens, como recompensa
Do bem, do sacrificio, do perdão...

NOSSA TERRA



—(:)— Um lindo recanto do jardim Oliveira Bélo —(:)—

DIALOGO VERDE

— A felicidade? É uma menina travessa.
Irmã gêmea da Esperança,
Sempre á nossa frente,
As duas . . .
A Felicidade, não vai a quem a queira
Ou a mereça . . .

—Chega de surpresa?

— Sim. Chega, ri e canta
Baixinho,
Para sair a correr,
Sacudindo as rendas
Verdes,
De seu vestidinho fino,
De organdi.

—E a Esperança?

— Éssa, meu caro, sempre volúvel . . .
É uma menina linda.
Loira.
Ou morena, como quisermos . . .
Flirta com todos
E é para todos,
A radiosa promessa
Da ventura . . .

—Que foge e ri?

— Que ri e vai,
Pela vida a fóra
Com a sua irmanzinha linda
A cantar,
Docemente,
O poema sempre novo
Da ilusão . . .

— E quando a felicidade chega?

— Senta-se ao nosso lado,
Extasia-nos com o seu perfume,
Com o seu canto —
Que é de luz,
E que parece sonho . . .

— E por que não fica?

— Porque não a sabemos reter,
Ela tem caprichos,
Desgosta-se por pouco
E foge . . .
Mas não é má, foge rindo . . .

— E não volta mais?

— Volta.
A Esperança
Está sempre vigilante
E a conduz novamente
Ao nosso lado,
Mas é um instante . . .

— Fogem de repente? . . .

— . . . Sentam-se as duas
Rindo e cantando,
Depois . . .
A Felicidade corre para outro,
E a irmã
Sempre meiga,
Com um beijo longo,
Perfumado
E doce . . .

— Fica conosco?

— Não. Beija e foge,
Muito linda,
Toda de verde . . .
Mas deixa-nos a consolação
Suave e doce
Da felicidade que durou tão pouco.

Alves Augusto

A' noite...



Para o teu album...

OS OLHOS TEUS

Os olhos teus... Esses teus olhos...
Tão grandes, tão bonitos, lindos mesmo!

* * *

Os olhos teus... Não lhes sei a côr
porque fogem á baça luz dos meus, pe-
quenos, feios, castanhos olhos. Os teus são
tão bonitos, tão grandes...

* * *

Os olhos teus... Neles quisera vêr a
minha imagem, mas nem a sua côr pude
precisar. Eles fogem tanto de mim que
até os ólho medroso de não mais os vêr.

* * *

Lindos olhos de fada, deixa que te
veja a côr e observe no teu espelho algo
de tua possuidora!

Olha um pouquinho para mim...

Yvon - Ney

Já alguém disse que uma só noite de
insonia, na solidão, dá mais experi-
ência á gente do que cem dias vi-
vidos no torvelim das ruas, na agitação
dos negocios ou dos prazeres. É certa-
mente por isso que a insonia envelhece
tanto. O homem sai de uma dessas noi-
tes, com o corpo moído e a alma pisada,
como se tivesse passado oito horas nos
braços de uma furia-sucubo, «lassata sed
non satiata»...

Em uma das ultimas noites, quem isto
escreve, experimentou todo o indizível
horror da vigilia doentia. Saltou desespe-
rado do leito, foi á varanda da casa e,
com a cabeça ao vento, debruçou-se sobre
o sôno da cidade.

Horas fecundas de recolhimento e re-
flexão! Sobre as ruas adormecidas, — a
paz estrelada do céu, o fervilhar da Via
Látea, o enxame dos astros tremulos, a nó-
doa misteriosa do saco-de-carvão, e o Cru-
zeiro do Sul, alto e esplendido, vigiando
de cima o repouso da terra; em baixo, e
nos morros de em tórno, as ruas alinha-
das, com as luzes do gás rebrilhando, co-
mo cabeças de alfinetes de ouro em lon-
gas fitas de veludo negro.

Já demorastes alguma vez a atenção
sobre o estranho aspecto que têm alta noi-
te as casas de uma cidade adormecida?
Pois aqui está quem muitas vezes tem es-
piado e estudado o sôno dos predios...

Houve um poeta que escreveu: «les
maisons sont des visages». Não são rostos

apenas, são mais do que isso: são orga-
nismos completos, são corpos inteiros, que,
como os corpos dos animais, se agitam
durante o dia e dormem á noite. Reparaí.
O predio, quando a rua ficou deserta e
quieta, aquietou-se tambem, emudeceu,
sossegou, dormiu...

E assim, com as bocas das portas fe-
chadas, com os olhos das janelas sem luz,
com todo o corpo abandonadamente imo-
bilizado sobre o sólo — é um animal
monstruoso, agachado, descansando. Se
reparardes bem, com a muita ou pouca
imaginação que Deus vos deu, chegareis
a ver, mas claramente e distintamente,
que as paredes levantam-se e abaixam-se
levemente, regularmente, isocronamente,
como um tórax, no resfolego do sôno.

O estudo da fisionomia do homem
que dorme é muito mais facil do que o da
fisionomia do homem acordado. Duran-
te o sôno, a vontade não funciona e a
hipocrisia não pode adoçar as linhas da
face nem modificar a dureza da boca, nem
disfarçar qualquer traço revelador. Com
as casas dá-se o mesmo: umas ha que
parecem ninhos ao sol, e que só no seio
da noite é que mostram o seu verdadeiro
aspecto de catacumbas.

Olavo Bilac

A sentença do velho Parreira

Mal ecoou a grande desgraça, fremiu a piedade cristã e abalou-se a curiosidade roceira. Ao alarido da família espantada, a vizinhança acudia, os transeuntes indagavam, a triste nova corria.

—Foi uma moça que se matou; amanheceu enforcada numa árvore, assim pertinho da cozinha. Quasi que os pés tocavam no chão... Pobre moça, coitada! Ninguém sabe por quê. Morava ha alguns anos com estes parentes. Era bonita e alegre; mas, ultimamente, vivia pensativa, calada, como que a olhar para dentro de si...

Já se esboçava nos comentarios uma suspeita de crime, quando fizemos o carro seguir. Iamos sós, eu e o meu amigo Tiburcio, que, depois de largo silencio, perguntou, de olhos húmidos e voz comovida:

—Conheceste-a?

—Não. Estava agora mesmo pensando num caso destes, e na sentença do velho Parreira, um preto original que conheci em menino, ha cincoenta anos e a quatro leguas daqui.

Nas primeiras horas de uma noite soturna, de poucos vagalumes e céu carregado, no Furadinho muitas pessoas ouviram gritos ao longe, para o lado da barra, gritos que logo cessaram e que, para a consciencia tranquila do remançoso lugar, só podiam ser de gente que andasse ao piramombó.

No dia seguinte, porém, o aparado daquele povo leal e pacato foi a noticia aziaga de que tinha desaparecido o Albino Pacheco.

—Ora essa! Pobre do moço! Ainda ontem á tardinha passou por aqui.

Os bons-dias eram seguidos de pormenores:

—A canôa estava abicada á margem do norte, carregada de fariuha, bem em frente á boca do rio Sirí. Não faltava nada, nem sequer a palamental.

—Bem me pareceu que eram gritos agonizantes...

—O rio é fundo, mas estreito no lugar... Já ha muita gente lá, com galatéas e tarrafas.

A manhã subia luminosa e serena, mas em cada rosto lia-se bem um recolhimento pezaroso. Mungidas as vacas, tocavam-nas calados para os pastos reluzentes de orvalho.

A' noticia de que tinham achado e trazido o cadaver, desde a Ronda á Praia-de-Fôra quasi toda a população adulta abalou para a casa da sra. Martinha, a mãe do morto, uma doce velhinha enrugada, de cabelos de linho, que chorou o dia inteiro com soluços de fazer compaixão. As moças e as crianças, os pais não as deixaram ir. Que iam lá fazer em áto tão compungente?

De tarde, nos grupos que voltavam, tinham todos um ar de reserva; só um ou outro falava a meia voz e gesticulava.

Eu era abelhudo e estava intrigado; percebia bem que havia misterio naquela morte, e, por mais que prestasse atenção, nada saía, ao deitar-me, que parecesse segredo: só ouvira coisas sentimentais e genéricas sobre as qualidades do morto, a dôr da familia, a piedade de todos, a mortalha, o caixão, o enterro...

Seguiu-se um dia de sol e céu alto. Fazia eu uma arapuca de varas de açoita-creoulo, á sombra de um pé de minerva, quando chegou a cavallo o ve-

lho Parreira, cuja figura retenho ainda tão viva que era capaz de lhe fazer o retrato. Alto, côr de figo roxo, barba quasi liza, bipartida e esfiapada no queixo, esticando o pescoço e branquejando o olhar para dar energia ao seu sotaque serrano, era capaz de meter medo se não fosse bom, carinhoso e alegre. Gostava de vê-lo tocar viola e cantar, principalmente a modinha do sabiá. Erá um intrepido. Assim mesmo velho, deformado pela elefantose, com uma perna que mais parecia um tronco de pau de casca rugosa, ainda ia a Mostardas, ás vezes até as Missões, buscar cavalhadas para negocio.

Não se apeou; e, de pronto, para meu pai que se achava á porta da venda, foi metendo á bulha o caso da morte.

—Não, não foi mandada por Deus, sr. Marcelino. Os homens do corpo de delito entenderam que o ferimento do pescoço era roedura de sirí e que o homem tinha morrido afogado; mas, quando chegou fulano (vez nenhuma pronunciou o nome do suspeitado, que eu tambem não desejo declinar) e foi abraçar o corpo do seu compadre, o sangue jorrou vivo pela ferida, clamando justiça. Então os gritos, a canôa abicada, o sinal de passagem de gente por entre as taboas, naquele lugar onde não passa ninguem? Por que não se examinou tudo isso? Que importa que fossem compadres? Ambos eram pombeiros, officiais do mesmo officio, e até consta que na vespera tinham tido uma rusga por causa de uma compra de fariuha, em que o Albino foi mais ligeiro... E tudo isso fica assim mesmo!

— Não ha provas, sr. Parreira; e não se deve fazer suposições temerarias...

— Está visto! As provas não aparecem porque «ele» é votante e tem amigos em S. José. Olhe, eu lhe digo: antigamente os castigos do céu vinham a pé, depois passaram a vir a cavallo, e hoje já vêm pelo fio elétrico. Deus é grande, e aí está a suspeita para aticar o remorso. Existem três coisas no mundo que não podem ser companheiras: o vento, porque não entra onde não tenha saída; a fumaça, porque não mais entra no lugar donde saíu; a suspeita, porque não sai nunca mais do coração em que entrou. A suspeita entrou neste povo, dr. Marcelino, e, se falha a justiça dos homens, á propria consciencia do criminoso lhe servirá de juiz! E com esta vou tocando adiante.

E assim foi. O suspeito levou até a morte uma vida sombria e triste de verdadeiro galé.

Não sei que afinidade possa existir entre o suicidio de hoje e a distanciada morte do Albino. Dizem que a vitima atual é descendente do indiciado de outrora. Ha aqui tambem uma suspeita para açular o remorso. É possivel que ainda uma vez se confirme a sentença do velho Parreira.

— Assim seja! disse o Tiburcio.

E a alegria da natureza, á dourada luz da manhã, foi pouco a pouco diluindo a nossa impressão de pesar.

(27—9—1921)

Santos Lostada

Companhia Tração, Luz e Força de Florianopolis

PARA CONCERTOS E INSTALAÇÕES

Os pedidos devem ser feitos no Escritório á Praça 15 de Novembro, 19 (so-
brado), até ás 17 horas.

Secção de reclamações

PARA FALTA DE LUZ Á NOITE

Os pedidos devem ser feitos pelo telefone n. 1.113, ou na parte terrea do edi-
fício da Companhia, local assinalado por uma lampada elétrica, até ás 21 horas.

RECLAMAÇÕES URGENTES, DEPOIS DAS 21 HORAS

Deverão ser feitas pelo telefone n. 1.218 (residencia do Smr. Cascaes)

A Companhia possui um grande sortimento de lampadas de várias intensi-
dades e voltagens para atender aos consumidores dos distritos e zonas onde ha li-
nhas de distribuição, com voltagens diferentes, bem como material elétrico para
qualquer instalação.

Lampadas
“ OSRAM ”
legitimas.

Grande stock de todas as intensidades
e voltagens.

Vendas por atacado e a varejo.

Carlos Hoepcke S/A
Florianopolis

Filiais em: Blumenau — S. Francisco
Laguna — Lages

Café Moido F. F.
Fiorenzano & Cia.

Torrefação e moagem de café

Grande usina a eletricidade

Telefone 174

Premiado nas exposições

ESTADUAL DE 1905

NACIONAL DE 1908

TELEGRAMAS:

Fiorenzano
FLORIANOPOLIS
Santa Catarina

Companhia de Navegação

Lloyd Brasileiro

Praça 15 de Novembro n. 1

End. Teleg.: "NAVELLOYD"

Telefones: --- Esct. 1007 --- Arm. 1338

LINHAS REGULARES:

Rio de Janeiro --- Porto Alegre e
Rio de Janeiro --- Laguna

Todos os navios opéram atracados á ponte da Companhia. Excéto os de grande tonelagem, que devido ao seu calado opéram nos ratones.

FARMACIA E DROGARIA

S. AGOSTINHO

J. Augusto de Faria

Rua Trajano, esquina C. Mafra

Aviam-se exata e exemplarmente as receitas; não se adulterando a sua manipulação para vender barato!

Sécção especial de perfumarias dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros.

DROGAS, PRODUTOS QUIMICOS E FARMACEUTICOS.

Farmacia Popular

Antonio d'Acampora

Praça 15 de Novembro, 27

Completo sortimento de drógas

Especialidades farmaceuticas
Produtos hipodermoterapicos e
— homeopaticos —

Perfumarias finas

Artigos de borracha, etc.

FABRICA

— DE —

MOVEIS

IRMÃOS ZIMER

Rua Visconde de Ouro Preto, 32

~ **Florianopolis** ~

Fabrica-se moveis artisticos
— e modernos —

ESTA É A FABRICA QUE MAIS BARATO VENDE NESTA PRAÇA

COOPERATIVA CATARINENSE

Miguel Malty

Rua João Pinto, 8

Secos e Molhados finos

**Louças e artigos
para Brindes**

Pulmogyl

Contra bronquite, tosse, gripe e todas as enfermidades do peito.

Ascarol

Vermifugo purgativo e de gosto agradável.

Gotas brancas

Contra dôres de estomago, vomitos, indigestões, maus arrôtos, etc

FABRICADOS NA

Farmacia Moderna

PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 27

Esquina da Rua Conselheiro Mafra

— FLORIANOPOLIS —

A Capital

— Conselheiro Mafra, esquina da —

Rua Trajano

O Colosso da praça

Sortimento completo de artigos

— para homens —

Secção de roupas feitas

Depositaria dos chapéus

RAMENZONI

Alfaiataria Pereira

Rua Tiradentes n. 7

Confecção de roupas pelos ultimos figurinos

ELEGANCIA E DISTINÇÃO

Casemiras modernas nos mais variados padrões

Brins de linho

Acabamento perfeito

Preferir a

Alfaiataria Pereira

é prova de bom gosto e bôa aplicação de seu dinheiro.

Salve! Rainha

— DAS —

LOTERIAS

Corra onde correr

SEMPRE FOI, É E SERÁ
A ANTIGA, A VERDADEIRA

Rainha das Loterias

Suas extrações são realizadas

A'S QUINTAS — FEIRAS
Em Aracajú — Rua João Pessôa, 123

Estado de Sergipe

CONCESSIONARIOS:

ANGELO M. LA PORTA & CIA.

Atenção:

Verifique ao comprar seu bilhete si é mesmo da «RAINHA DAS LOTERIAS» tanto que seus planos são plagiados mas nunca iguallados.

*Prefiram a Tinta de
escrever*

Tucano

A MELHOR E A MAIS BARATA

Peçam informações ao representante
para todo o Estado de Santa
— Catarina —

Gustavo da C. Pereira

12 Rua Tiradentes, 12

FLORIANOPOLIS

Jornal dos Farmaceuticos

Mensario científico e de interesses
técnico — profissionais da Far-
macia e do Laboratorio.

Propriedade e direção do
Fco. Ney Luz

Redação e Administração:

Rua Trajano, 2

Assinatura anual 10\$000 (Os socios
da Associação Catarinense de Far-
maceuticos gozarão um abatimen-
to de 50 %)

Anuncios mediante ajuste

João Carlos de Melo Sobrinho

Cirurgião - dentista

Estomatologia (molestias da bôca).
Anestesias por infiltrações e pela
luz azul.

Ex-aluno do Prof. Raymundo Vieira,
com técnica norte-americana. Ex-ci-
rurgião-dentista da Companhia Lage.

Especialista em pontes, pivots, corôas
e dentaduras (com pressões de bor-
racha, de chumbo e de vacuo). Téc-
nica perfeita de obturações, restau-
rações parciais e totais das corôas
dos dentes, etc.

CLINICA NOTURNA EM CASOS
ESPECIAIS

Consultas: 8 ás 12 --- 14 ás 18.

Rua Deodoro, 9

A Credito Mutuo Predial

é a protetora
do pobre

